

A. A. TEIXEIRA DE
VASCONCELLOS



O SAMPAIO
DA
REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

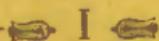
03

municipal
ventura



FL-103

LIVROS PARA O POVO.



O SAMPAIO

DA

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

POR

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

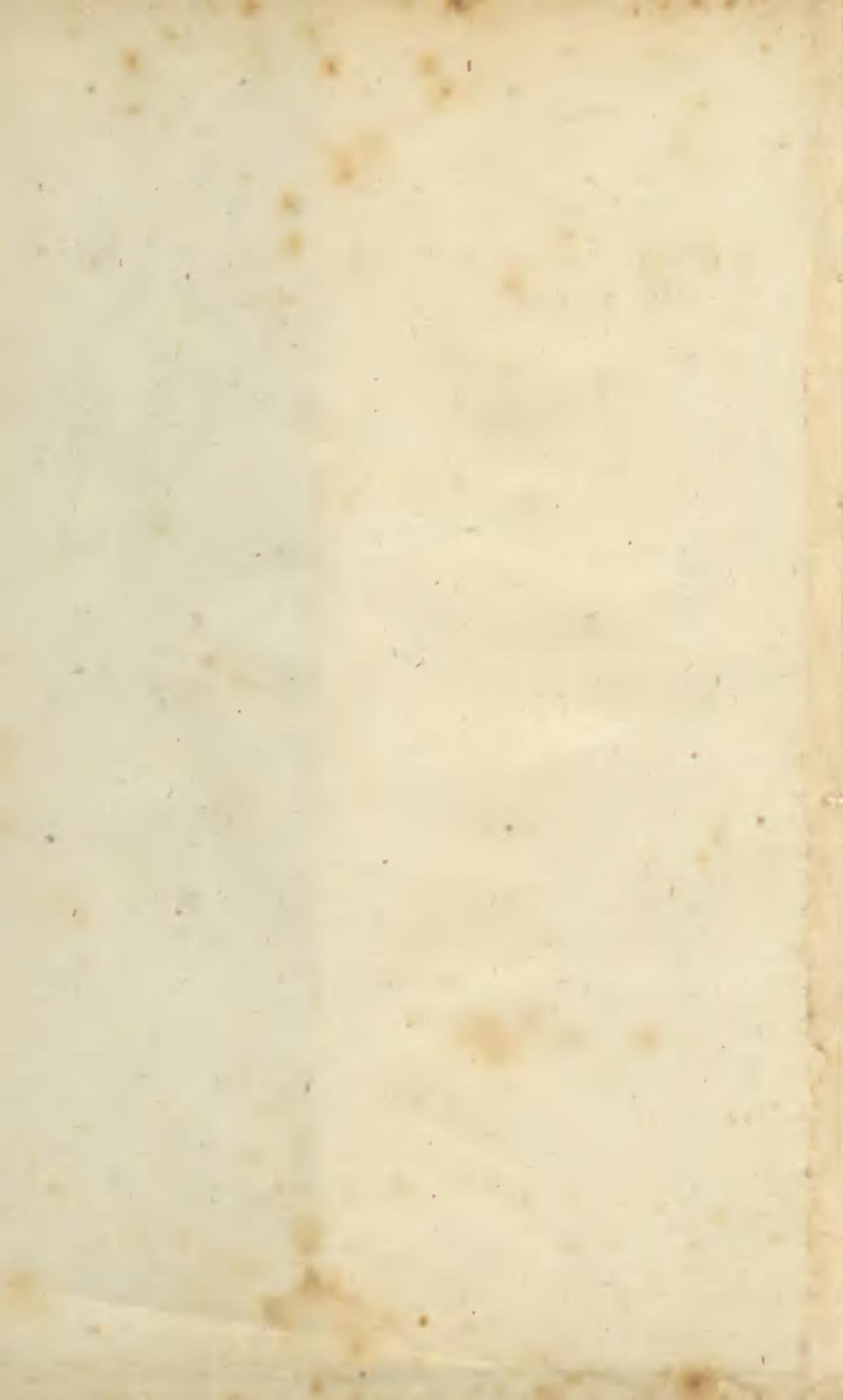


Preço : 120 reis.



PARIS

50, CHAUSSÉE D'ANTIN



74807

O SAMPAIO

DA

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

A Biblioteca Municipal de Esporão
depois de M. A. Portinho Neto
Esporão 1999

1

LIVROS PARA O POVO.

O SAMPAIO

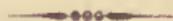
DA

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

POR

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

NATURAL DO PORTO.



PARIS

50, CHAUSSÉE D'ANTIN

1859



U. S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE

OFFICE OF THE ASSISTANT SECRETARY

WASHINGTON, D. C.



PALAVRAS NECESSARIAS.

Sae agora novamente á luz a biographia do Sr Antonio Rodrigues Sampaio, posta em portuguez, e muito accrescentada. Não é uma traducção da edicção franceza, é uma paraphrase.

Estes livros pequeninos sam para o povo, e por isso começam pela vida de um homem seu.

A quantidade hade ser avultada, a publicação irregular, mas frequente, a doutrina boa, os exemplos convenientes. Aqui havêmos de conversar familiarmente de todos e de tudo, em bem que não em mal, e sem offender a Deus, nem ao proximo.

Quem entretenha o povo com male-

dicencias de viella, e quem lhe sopra o fogo das más paixões, não falta lá em Portugal. Eu conheço gente que ha mais de vinte annos que não se occupa de outra coisa! Santa gente é essa, porem ainda mais santa é a terra, que a atura, e que tantas vezes se tem deixado martyrisar na vida e na bolsa dos seus filhos, para que esses magnates cresçam e prosperem.

Algumas vezes terei de escrever nestes livrinhos verdades, que de certo não agradarão a todos, mas serão verdades, e não calumnias, como aquellas que certos *patriotas eximios* me assacam por lá a mim; a mim que nunca lhes fiz mal; que estou cá tão longe a trabalhar por fazer a Portugal algum serviço, e a ganhar com o suor do meu rosto o meu pão, e o da minha familia; elles que trazem ha tantos annos esse pobre reino em um redemoinho de desordens e de

intrigas, com que a final hão-de vir a dar cabo d'elle!

Essas verdades serão geraes, de importancia para todos, ás vezes desagradaveis a muitos, mas sempre escritas sem intenção de vexar ou de offender pessoa alguma.

Quem faz da imprensa tenda de calumnias, ou foi sempre um homem mediocre, e possesso de paixões pequenas, ou succumbe á caducidade prematura das faculdades mentaes.

De escritor publico, que era, transformou-se em idolo de pagode, semelhante áquelles de quem dizia o santo rei David, que tinham olhos, e não viam, e ouvidos, mas não ouviam. Depois que o metteram no nicho e que o assentaram sobre a peanha, não soube mais senão de si; só vê as genuflexões dos seus sacerdotes, e só ouve os canticos, com que o embalam e adormecem.

O mundo renunciou aos idolos de materia fragil e grosseira para adorar o espirito sempiterno do Senhor, mas o falso Deus ficou sempre no templo pagão á espera dos adoradores, e á espreita de alguma rêz, que atravesse descuidada por entre as ruinas, para a sacrificar logo em holocausto á sua propria desesperação. Tristes effeitos de uma vaidade, que todos os annos cresce, como a divida publica!

Eu não posso fazer outrotanto, porque sou homem do meu tempo. D'antes era recommendado o calumniar e o mentir; diziam que sempre pegava alguma coisa. Hoje até os proprios boletins da guerra já dizem a verdade. Calumniar por interesse é maldade grande, mas calumniar por gosto, por capricho artistico, nem maldade é. E' tolice.

Estes livrinhos de lição variada e innocente não teem politica, nem a podem

ter, porque eu estou, ha tantos annos, fóra de Portugal que já não entendo bem o que por lá vae.

Sou progressista; mas progressista do progresso, e não dos interesses de uma parcialidade, ou do seu veneravel chefe. Não creio que a minha cabeça e o meu coração valham mais do que a cabeça e o coração de um realista, ou de um reactionario, e por isso os respeitei sempre em tudo quanto póde conciliar-se com a differença das nossas ideas. Os meus adversarios politicos foram sempre para mim como eram para o nosso Sá de Miranda os que gostavam de tuberas da terra, que elle não podia tragar.

Tenho grandes prevenções de affecto em favor de tudo quanto é portuguez, como quem tem fome e sede da patria; odio porem, nunca o tive a pessoa alguma, nem mesmo aos meus inimigos.

Quem cuidar, pois, que estes livros

sam um desforço pessoal, engana-se. Sam um ensaio da bibliotheca util, de que muito carece o nosso povo, e da qual eu dezejo que elle acolha com benevolencia este primeiro volume.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

Paris, 11, rua de Moscou,
16 de Junho de 1859.

O SAMPAIO DA REVOLUÇÃO

Os oradores e os escritores são os reis da intelligencia, e é a intelligencia que hade vir a governar o mundo.

CORMENIN.

Os livros antigos tratavam das acções dos reis, dos grandes capitães e dos prelados illustres, e era de razão, porque o sceptro, a espada e o baculo governavam a terra. A historia do povo não se escrevia, nem o povo era chamado, como agora, a intervir no governo. Na grammatica das classes populares, reformada

pelos Cesares, o verbo activo, ou não existia, ou era irregular.

Hoje não é assim. O rei não manda enforcar, perdoa; o general não opprime o povo, defende-o; o bispo não é senhor, é pae; e nenhum destes personagens governa a seu bel praser e pela sua unica vontade. O povo é ouvido e consultado. Mais ainda; é elle quem se governa a si proprio pelas leis que fazem os seus representantes.

Desde que a espada deixou de ser argumento unico, a palavra e a escrita ajudadas da imprensa que as reproduz, tornaram a ter grande valor. Os homens, que fallando ou escrevendo chegaram a convencer os outros, e a obrigar-os a mudar de opinião, vieram a ser tão célebres como os antigos capitães e tão poderosos como os reis. A' sua voz marcharam os povos no caminho da civilisação, e a penna veio a ser o sceptro da nova realza.

Os oradores do parlamento, e os redactores dos jornaes estam neste caso; e os

segundos ainda mais do que os primeiros, porque naquellas folhas, chamadas gazetas ou periodicos, todos os dias conversam com o povo, e lhe infiltram insensivelmente a boa ou má doutrina da qual se instituiram professores.

Antigamente não havia imprensa, nem gazetas. Gravavam-se as letras em taboas cobertas de cera, ou escrevia-se em pergaminho, cujos rolos eram os livros de então. Depois veio o papel.

O papel foi inventado no Egypto, onde o começaram a fazer de uma planta chamada *papyro*; tornou-se de uso geral no reinado de Alexandre Magno, e no seculo 11 desapareceu inteiramente. O pergaminho, esse começou a ser adoptado na Azia Menor dois seculos antes da vinda de Christo.

Do papel de algodão contam, que viera da China, e que data do seculo 8°. Os moiros de Hespanha, povo industrioso e dado as artes, inventaram, no seculo 11, o papel de linho. Luiz Robert, natural de Essonne em França, imaginou

em 1789 a maquina de fabricar papel continuo, a qual foi depois aperfeçoada por Didot Saint Leger que a introduziu em Inglaterra,

Dizem que a imprensa com letras separadas, e não em pranchas gravadas, fôra inventada em Moguncia e em Strasburgo, em 1456, por João Gutenberg, ajudado de dois homens chamados Faust e Schaeffer, porem ha quinze cidades que disputam áquellas duas esta honra, como já aconteceu com os ossos de Homero na antiga Grecia.

Quiz a providencia que esta descoberta fosse feita no territorio quasi limítrophe dos dois povos que mais a deviam empregar, e fazer valer, o allemão e o francez, mas não permittiu todavia que tardasse em chegar a esse cantinho da terra, chamado Portugal, no qual a tivemos na cidade de Leiria no mesmo tempo — talvez no mesmo anno — em que a receberam e adoptaram os parisienses (1470), ou os inglezes (1473).

Estavamos então em caminho de pro-

gresso nós os portuguezes, e tudo quanto era bom e util aproveitavamos e seguíamos logo. Bom tempo era!

As gazetas começaram mais tarde; ou no fim de seculo 15 nas duas cidades, onde se inventára a imprensa, como querem uns, ou em 1563 em Veneza, como affirmam outros. É fama que o nome lhes veio de uma pequena moeda veneziana, chamada *gazetta*, que cada folha custava. Se com effeito existiram taes publicações, não passavam de papeis avulsos, mui differentes dos que nós hoje lêmos diariamente.

O periodico publicado com regularidade data do seculo 17. A Hollanda parece ter tido a primazia neste ponto; assim o declara no seu segundo numero de 30 de maio de 1622, o mais antigo periodico semanal, cuja collecção existe, e cujo primeiro numero se publicou em Londres no dia 23 de mesmo mez, o anno.

O titulo era: *Noticias semanaes da Italia, da Allemanha etc., traduzidas*

do original hollandez. (The Weeckly Newes from Italy, Germany etc., translated out of the low dutch copie.) Neste periodico e em outros que logo appareceram, tiveram parte Nicolau Bourne, Thomaz Archer, Nathaniel Newberry, Guilherme Sheffard e Nathaniel Butter, cujos nomes chegaram até aos nossos tempos de preferencia aos de muitos senhores da côrte, de quem não reza senão algum velho livro de genealogia, que ninguem quer ler.

Aqui é o lugar de dizer que na infancia e juventude do jornalismo inglez nem tudo foi agoa de rosas, antes muitas vezes os redactores, os proprietarios e os livreiros, que no começo não foram entidades distinctas, dormiram na cadeia ou tiveram peores destinos. Por isso o jornalismo inglez veio a ser o mais importante do mundo. A perseguição fez-lhe bem!

A França, apesar do dezejo que sempre nutriu de ser a primeira em tudo, desta vez ficou atraz da Inglaterra, e só

imprimiu um periodico no 1º de abril de 1651, o qual, depois de ter adoptado diferentes titulos, tomou o de Gazeta de França, que ainda conserva. Teve por fundador a Renaudot, medico natural de Loudun, por protector a Richelieu, e de Luiz 13 dizem que lhe dava de vez em quando o seu artigo, como Luiz 18 fez no seu tempo a outros jornaes (1).

Não sei se a invenção foi boa, ou se foi má, mas sei que os governos estrangeiros não gostaram della. Renaudot escrevia em 1651 : *Peço aos principes, e aos estados estrangeiros que não percam o tempo inutilmente a querer impedir a passagem das minhas noticias; pois que esta mercadoria é tal que nunca se pôde prohibir; antes engrossa com a re-*

(1) Uma vez a policia franceza agastou-se contra um artigo de certo jornal, e foi á redacção pedir o manuscrito para mandar prender o auctor. Duvidaram entregar o original : a policia insistiu, e ameaçou; deram-lh'o. Era escrito e assignado do proprio punho do rei! A policia ficou corrida, e retirou-se. Pobre policia!



sistencia como a torrente. Observação sensata e prophetica!

Nós não tivemos gazetas senão depois da acclamação de D. João 4º, talvez porque o conde-duque de Olivares e o seu soberano fossem dos primeiros que olharam de través para o periodico de Renaudot, ou porque lhes não conviesse em Portugal a introdução desse novo meio de publicidade. E' de suppor que sem estas circumstancias nos teriamos apressado a imitar a Hollanda, a Inglaterra e a França, que tinham comnosco relações muito seguidas.

Uteis ou perniciosas, as gazetas vieram com a caza de Bragança, e occupavam se de publicar as noticias da guerra com a Hespanha, os principaes acontecimentos da Europa, e as novidades da côrte; porrem taes mentiras disseram que o governo se resolveu a supprimil-as *pela pouca verdade de muitas, e mau estilo de todas.* São palavras do decreto de D. João 4º.

Volveu depois a publicar-se uma, que

durou até á tomada de Lisboa pelo duque da Terceira em 1833, com o nome de *Gazeta de Lisboa*, começada em quarto pequeno, e morta no seu maximo desenvolvimento de folha. Era a Gazeta official. Dos gazeteiros do seculo 17 apenas sei que foi um dos principaes José Freire Montarroio Mascarenhas, homem dado a estudos historicos e genealogicos, a quem a nobreza pedia arvores de geração e attestados de sangue limpo.

O ultimo gazeteiro official de velha monarchia foi José Joaquim Pedro Lopes, cujas funcções cessaram, quando deixou de publicar-se a *Gazeta de Lisboa*, e nem elle nem os seus antecessores e collegas deram á invenção hollandeza um grande brilho e desenvolvimento.
Requiescant in pace.

II

Antes do estabelecimento do governo constitucional já começavam a apparecer

jornaes, mas as grandes questões politicas e sociaes não se tratavam nelles. Alguns serviram de orgão das discussões descomedidas entre José Agostinho de Macedo, Pato Moniz e outros, e não ganharam por esse caminho a immortalidade.

A revolução de 1820 deu origem a um grande numero de jornaes, e, se não me engano, foi dos primeiros no Porto a *Borboleta*, redigida por João Nogueira Gandra, Nestor dos jornalistas portuguezes, fallecido ha pouco naquella cidade onde exercia o modesto cargo de Bibliothecario da Bibliotheca publica. Foi homem pouco ambicioso, e constante nas suas opiniões liberaes.

O gosto dos periodicos propagou-se com facilidade, mas a sua influencia não chegou a ser poderosa. Ainda não eram jornaes no verdadeiro sentido da palavra, posto que diariamente se publicassem. Eram gazetas. Veio depois a restauração de 1823, e fêz calar o bico a todos esses rouxinoes, porem não os

perseguiu, nem elles o mereciam. Cantavam alto, mas não tiravam o somno a ninguem. Celebravam as glorias do futuro, viviam seguros do presente, e cuidavam que o passado morrêra no vivo-rio e nas festanças constitucionaes! Inno-centes rouxinoes!

Em 1826 publicou-se, e mandou-se jurar a Carta. Neste novo periodo de liberalismo sedentario, e de guerra civil, Lisboa e Porto tiveram muitos diarios, apesar da censura que ás vezes lhes mandaria escrever *osculo* em vez de *beijo*, porem que só mais tarde veio a ser desapiedada. Foi notavel então o *Portuguez Constitucional*, de que era redactor, se me não falha a memoria, o nosso insigne Garret e tambem o Paulo Midosi, e Carlos Morato Roma. Era ja um jornal.

O padre José Agostinho de Macedo publicou nesse tempo em Lisboa umas cartas quasi periodicas, que devem figurar entre os trabalhos jornalisticos da quadra. No Porto outro padre chamado

Ignacio José de Macedo redigia semanalmente o *Velho Liberal do Douro* em sentido opposto; o *Imparcial*, folha constitucional, e o *Correio de Porto*, periodico absolutista, representavam na cidade eterna as duas opiniões, em que o reino andava dividido. Em Guimarães havia o *Azemel*.

A chegada do senhor D. Miguel em Fevereiro de 1828, e a sua subida ao throno acabaram com os periodicos, já menos innocentes do que em 1820, e deixaram a Gazeta de Lisboa e o Correio do Porto senhores unicos do campo. Os redactores dos jornaes liberaes foram recolhidos ás cadeas, ou emigraram, ou se converteram, ou se homiziaram. José Agostinho de Macedo e o abbade Alvito Bucla Pereira de Miranda escreveram durante esse reinado uns folhetos periodicos mais dignos de censura que de menção honrosa.

Os periodicos principiavam a ser um objecto de necessidade. O proprio senhor D. Miguel mandou publicar em Santa-

rem o *Boletim do Exército* redigido por Antonio Pimentel Soares, e o *Correio do Porto* obrigado a abandonar a cidade da Virgem foi pôr em Coimbra o seu escriptorio. Ambos findaram quando acabou a guerra entre os dois principes da caza de Bragança.

Desembarcado o senhor D. Pedro no Porto, começou a *Chronica Constitucional*, que foi o diario official do governo liberal até á entrada das tropas do duque de Terceira em Lisboa, e estabelecimento da nova dinastia na capital, epoca em que a Gazeta foi substituida pela *Chronica constitucional de Lisboa*, de quem nasceu o actual *Diario do governo*.

Desde essa data até hoje nasceram, vegetaram, viveram e morreram centos de periodicos, cujos nomes, e os dos seus redactores nos é impossivel referir aqui. Basta que se saiba que nelles trabalharam e escreveram os homens mais notaveis do gremio liberal. O partido vencido em Evora-Monte aproveitou-se da

liberdade de imprensa para publicar o *Ecco*, cujos redactores eram mancebos de assignalado merito. Este jornal acabou no fim da guerra entre D. Carlos e D. Izabel II de Hespanha.

Os emigrados liberaes tinham aprendido em Inglaterra, na França, e na Belgica como se faziam os jornaes modernos, e alguns haviam sido collaboradores activos de periodicos estrangeiros notaveis. Um desses foi o Marechal Saldanha durante a sua residencia em Paris. A imprensa portugueza desde 1834 foi pois uma imitação do bom e do mau dos jornaes francezes tanto na disposição material como nas ideas. Era a moda de então. Tudo á franceza!

Dos periodicos desta quadra fertilissima um unico conseguiu chegar a ser uma empreza importante. Foi o *Nacional* de Lisboa, cujo proprietario, de homem pobre que era, chegou a ser commendador, director de companhias, rico, e barão. Não lhe quero mal por isso. Creio que foi elle o primeiro que

introduziu o vapor nas typographias portuguezas. Este jornal foi uma potencia politica, e financeira e era de um formato nunca visto em Portugal.

Outros mais intimamente consagrados ao desenvolvimento das ideas liberaes, e mais desprendidos dos interesses materiaes, chegaram tambem a ter uma grande importancia e nelles escreveram e trabalharam Rodrigo da Fonseca, José Alexandre de Campos, os dois Passos, Garret, Antonio Luiz de Seabra, e muitos outros homens célebres, que depois foram ministros. Desses o mais antigo, que ainda existe, é a *Revolução de Setembro*, fundada por José Estevão, e Mendes Leite, depois da revolução de 1856. Entre os mais modernos figurava ha pouco o *Jornal Mercantil* com um primor que ainda não teve igual na nossa patria.

No Porto depois que acabou o *Periodico dos Pobres* ficou sendo primogenito o *Nacional*, que vae hoje no 13° anno da sua existencia. O mais antigo seria de certo o *Artilheiro*, se o seu chistoso

redactor o não tivesse deixado morrer para ir alojar-se no folhetim dos *Pobres* tornando célebre o nome de *Braz Tisana*, que mais tarde serviu de titulo a um periodico que ainda se publica. O mais recente é o *Jornal do Porto*, começado em março deste anno, e notavel pelo tino e moderação dos seus redactores. Nas principaes terras do reino ha hoje jornaes.

A fundação dos periodicos politicos, e de uma grande quantidade de folhas litterarias, creou a nova e importante classe dos jornalistas, na qual entraram, ou nella se formaram, poetas, historiadores, criticos, philosophos, economistas, e homens de grande valia nas sciencias e nas letras, e della saíram para as cadeiras das camaras ou do ministerio, e para os mais altos logares do Estado.

Ali foram chamados pela importancia e idoneidade do seu merecimento, que de condição ás vezes modesta os elevára ao throno da intelligencia, que é o primeiro throno da terra. Os escriptores,

que sam hoje o ornamento das letras nacionaes, todos receberam o baptismo na pia jornalistica, e foram os gloriosos ascendentes da novissima geração dos redactores portuguezes, entre os quaes avultavam notavelmente os escritores do partido miguelista, que redigiam a *Nação*.

A influencia dos jornaes é grande em Portugal, e podia ser muito maior, se os ataques á vida particular dos cidadãos, e a pouca compostura de linguagem lhes não diminuisssem consideravelmente a auctoridade. Ha muita gente que finge em publico desprezal-os, mas que os lê com avidéz em particular, como a velha do Tolentino, que na sala desdenhava da *porquidade* do rapé, e ia fartar-se de simonte na alcova. Esses mesmos, se uma linha os molestou directa ou indirectamente, acodem logo ao escriptorio do periodico ou a caza dos redactores com uma resposta de duas columnas, e se as coizas publicas não andam a seu gosto, não largam os redactores desde

pela manham ate á noite. Fraquezas humanas! E se fossem só estas!

Os jornaes teem pois uma importancia consideravel nos negocios publicos, como é de justiça em um governo livre, e tanto os periodicos politicos, como os litterarios, contribuem diariamente para a propagação da leitura, instruem e recream as pessoas que não se consagram á vida das letras, e excitam a mocidade ao exercicio dos funcões litterarias. A lingua portugueza perdeu por intervenção delles uma parte da sua pureza vernacula, que o proprio systema constitucional e os progressos das sciencias e das artes deviam forçosamente alterar, mas adquiriu maior elasticidade do que tinha antes. A gymnastica diaria do jornalismo augmentou-lhe a facilidade dos movimentos.

Eu creio que a cessação dos jornaes em Portugal seria uma grande calamidade publica, porque ao governo faltaria o meio mais facil de conhecer a opinião geral, e aos governados o desafogo de

pôr no papel as suas boas e más paixões que teriam de manifestar-se por outros meios mais perigosos. O jornal contribue para obstar ás conspirações, como o duélo evita a vingança particular posta de embuscada com o arcabuz no braço, ou de punhal na mão.

E se não houvesse jornaes quem annunciaria a chegada e a partida de um cavalheiro illustre, o nascimento dos seus filhos, a morte dos seus parentes, o luzimento das suas festas e dos seus jantares, e o titulo ou a commenda alcançados por feitos maiores que os de Affonso de Albuquerque ou de Duarte Pacheco? Quem registraria as esmolas e actos de caridade, que a mão esquerda ignorava no antigo regimen do classico Evangelho, e que hoje o periodico faz saber a todas as mãos esquerdas e direitas da terra? Grande consternação iria no reino de Israel, se todas essas trombetas se callassem! Os proprios de quem ellas ás vezes perturbam o somno, lamentariam bem a sua falta.

Bom é que todos achem nos periodicos um cantinho para armarem a sua tenda, porque como a instituição em si é boa e util, muito importante vem a ser que a affeição geral a conserve e mantenha, ainda que não seja senão para contentar as vaidades humanas.

O espelho que representa a cara fea e leprosa tambem reproduz as feições da mais estremada belleza, se lh'as poem diante.

O decano dos nossos redactores é, creio eu, o proprietario do *Braz Tizana*, José de Souza Bandeira, antigo redactor do *Azemel*, cuja philosophica indifferença nesta quadra de ambições immoderadas eu ainda conto celebrar, porem um dos jornalistas portuguezes, que mais exclusivamente tem vivido para a imprensa periodica desde 1834, que por ella adquiriu um nome insigne em Portugal e fora do reino, e que mais atribulado foi nas perseguições feitas á imprensa, é inquestionavelmente Antonio Rodrigues Sampaio geralmente con-

hecido pelo nome de Sampaio da Revolução de Setembro.

Por isso o escolhi para entrar nesta collecção em primeiro lugar, e os successos da sua vida, que vou referir, serão a melhor prova do acerto da escolha, e das qualidades do escolhido. Não me importa que elle seja progressista, como eu sou, e espero morrer; o que me importa é que mereça ser apresentado ao povo como exemplo de uma virtude, qualquer que ella seja; porque ter uma já é ser rico nestes tempos de pobreza franciscana. Eu conheço em todos os partidos portuguezes homens honradissimos, e a cada um, quanto em mim couber, hei-de sempre fazer justiça inteira por mais que certas viboras invejosas me venham morder nos tacões das botas.

Principiar por este não é desdenhar dos outros, é começar por um. Quem tiver outro mais constante, mais independente, mais virtuoso e mais modesto, que saia com elle a publico: eu

ca fico de chapéo na mão para o saudar profundamente.

III

Antonio Rodrigues Sampaio nasceu na freguesia de S. Bartholomeu do Mar no dia 25 de julho de 1806, no qual a Igreja catholica celebra a festa daquelle maravilhoso apostolo S. Tiago, cujo nome nos serviu de grito de guerra contra os mouros e contra todos os outros inimigos até á epoca em que, com estranhavel ingratição, lhe preferimos o não menos valente e portentoso S. Jorge, que d'Inglaterra veio a tomar-lhe o lugar.

E' a freguesia de S. Bartholomeu do Mar sita no concelho de Esposende no districto de Braga, e ali viviam em honesta mediania os paes de Sampaio, os quaes se chamavam Antonio Rodrigues Sampaio e Maria de Amorim, lavradores honrados daquelle sitio.

Pertenciam á classe mui numerosa e

respeitavel dos agricultores, a quem não molesta senão a ambição de conservarem o seu bom nome, de terem boi gordo, egua gorda e porco gordo, de ouvirem o credo velho ao padre cura, e de morrerem felizes na fé do carvoeiro, como dizia o nosso chistoso poeta minhôto, Abbate de Jazente.

O Minho tem muita desta gente singela, e desaffectedamente virtuosa, que não ambiciona os logares da governança, que se benze pela manham, trabalha todo o dia, reza á noite, e de semana em semana vae juntando a quota do imposto, que engorda o orçamento, e a da congrua do parochio, e mil outras quotas que tiram o sangue ao bom do lavrador sem lhe acabar com a paciencia, nem com a alegria. E' que Deus abençoa a caza humilde, e da-lhe muitas vezes a felicidade e o socego que não ha na torre do fidalgo, na quinta do cavalheiro rico, ou na caza muito pintada e de varanda lavrada, que o brasileiro edificou na volta do Rio ou da Bahia.

Os paes dô Sampaio destinavam-o para padre. Era tendencia geral da provincia, e mesmo do reino, dar aos filhos este estado em que viviam de um trabalho honesto, e venerados de todas as pessoas. A loba e o chapéo de tres bicos dispensavam nobreza e riqueza, e abriam todas as portas. O padre mais pobre, e de origem mais obscura, podia ser cura, abbade, conego, deão, bispo, arcebispo, e muitas coisas mais.

Logo no principio do governo constitucional, depois da morte do senhor D. Pedro, vimos um padre ministro da marinha, e talvez não governasse mal os galêes e as naus, se galeões e naus tivessemos ainda. Pois os liberaes não eram suspeitos de adorar os padres, mas lá puzeram um no governo, e já em 1820 tinham aproveitado outro para o fazerem bispo de Coimbra, o qual depois veio a ser patriarcha, ministro, cardeal, e presidente da camara dos pares.

No tempo antigo não fallêmos. Até havia padres desembargadores, e em

nome do Santo Padre de Roma lhes passavam umas bullas, decerto sem o sagrado Pontifice o saber, para poderem julgar processos crimes, e condemnar á morte os reos. O clero então era rico. Tinha dizimos, grandes rendas, muito poder, e privilegios importantes. O abbade de Lobrigos era um rei pequeno, o de Soalhães era um prelado, o bispo do Porto tinha sido senhor da cidade, o arcebispo de Braga ainda o era, o prior de Ancède era capitão mor, o general dos Bernardos trazia a bolsa de Es-moler mor, e o D. Abbade de Alcobaça era senhor de terras, alcaide mor, e não sei quantas outras dignidades tinha.

Uma boa parte do reino pertencia ao clero regular e secular, em terras e em 4.^o, 5.^o e 8.^o, foros e pensões, que era um nunca acabar. Tiraram-lhes tudo isso, comeram uma parte e deitaram o resto aos porcos que tudo estragaram e devoraram logo. Fizeram-a limpa. Os padres ahi estão hoje vivendo das migalhas do povo e do Estado; não

agitam a sociedade, não opprimem as outras classes, nem sopram a guerra civil, mas sam menos instruidos, menos caritativos, menos zelosos, e muito menos uteis.

Em 1834 tiveram medo do clero, e governo, que tem medo, dá pancada de cego. Para obrigar uma classe da sociedade a conter a sua actividade dentro dos limites legais, não é necessario pol-a a pão e agoa. Bom ou mau está feito, e agora hão de tornar a dar aos padres de que elles comam, se quizerem ter culto, religião, moralidade, ordem, e liberdade duradoira, que é inseparavel dos principios de justiça.

O mundo é assim : reedifica hoje o que destruiu hontem, e amanhã deitará por terra o que levantou hoje. Tudo passa de moda para voltar em breve, como se nunca tivesse existido, paixões e ideas, leis e instituições, costumes e vestidos, linguagem e estilo, tudo.

O certo é que os paes de Sampaio o queriam padre. Ainda o pequeno an-

dava no alphabeto, que um padre da freguesia de Betinho, proxima á de S. Bartholomeu, lhe ensinava de graça, e já em caza o pae e a mae procuravam com boas rasões decidir, se o filho devia ser frade ou simples clerigo. Frade o desejava o pae por ventura com ideas um tanto ambiciosas; a mae preferia que elle fosse presbytero secular, de certo para que na velhice a pudesse confortar com a sua companhia.

IV

Entretanto chegava o tempo de aprender latim. Foi o mestre outro padre da freguezia das Marinhas, e tambem de graça, que assim se substituia então a falta de uma organisação regular de instrucção primaria e secundaria.

Ali mostrou-se estudioso, e mesmo apaixonado das letras latinas, inclinação que sempre conservou depois, e o bom do padre apresentava o joven discipulo

com orgulho, e lhe confiava frequentes vezes a direcção da aula. Os carmelitas e os capuchos de Vianna, que o examinaram, para logo o convidaram a tomar o habito mal tivesse idade.

Para que Antonio Rodrigues Sampaio viesse a ser Fr. Antonio da Conceição, do Resgate, ou do Amor Divino, e se achasse hoje no orçamento do Estado entre as classes inactivas com a sua prestação de 12,000 reis, só faltou a vontade materna, a qual a final veio a triumphar dos calculos do pae, como triumphava sempre, quando sobre ser razoavel e inspirada pelo coração presago da mulher, é sustentada com doçura.

Pela sua parte Sampaio, com tanto que lhe deixassem seguir a carreira litteraria, tanto se lhe dava de cobrir o corpo com burel e estamenha, como de trajar batina de panno ou de durante. Uma vez resolvido este ponto, e concordes a opinião paterna e a materna, tomou as ordens menores no anno de 1821.

No seguinte foi para Vianna estudar

com os frades carmelitas a philosophia racional e moral, porem indo depois para Braga com o fim de se instruir nas materias necessarias para o estado ecclesiastico, ali seguiu todos os estudos secundarios, que no tempo antigo se chamavam *Humanidades*, repetindo os que já frequentára em Vianna, e estudando theologia. Assim decorreram os annos de 1823, de 1824 e de 1825.

O entendimento tinha andado mais veloz que a idade. O nosso minorista completára os seus estudos, mas faltava lhe a idade exigida pela constituição do arcebispado para passar de ostiario, de acólytho, de leitor, e de exorcista a subdiacono, primeira das ordens sacras. Voltou pois para casa de seus paes, e abriu aula gratuita do que aprendêra, para que os filhos dos lavradores vizinhos alcançassem as vantagens que elle proprio obtivera da benevolencia dos dois padres, seus primeiros mestres.

Com isto chegou a idade de tomar ordens de epistola, mas os padres de

Braga recusaram admittil-o. Porque o fizeram, nunca elle o soube bem. Talvez a independencia do seu animo, e a pouca reserva de rapaz o tivessem arrastado alguma vez a manifestar ideas liberaes, e esse era um terrivel peccado naquelle tempo em que os partidos politicos se preparavam para as guerras civis que depois tiveram logar.

Alcançou todavia licença para prégar alguns sermões antecipadamente examinados e approvados pelo prelado diocesano, e cinco vezes subiu ao pulpito a fallar ao povo, com quem havia, pelo andar dos tempos, de ter conversações mais largas e de natureza differente. Estas tentativas de oratoria sagrada, se não indicam o genero do talento, mostram comtudo a propensão para fallar nas assembleas publicas, que o levou mais tarde a jornalista, e a orador politico.

Até aqui a vida de rapaz; agora principia a de homem. Começa mais cedo do que o determina ordinariamente a natureza, mas acontece sempre assim nas

epocas de grande agitação social, em que ao calor que abraza a sociedade tudo amadurece antes de tempo. Já Chateaubriand dizia : *Adormeci rapaz hontem, e acordei homem hoje.* E o mesmo me parece que puderíamos dizer nós todos, os homens deste seculo.

V

O senhor D. Miguel de Bragança chegou a Portugal vindo de Vienna de Austria a tomar posse do governo como logar-tenente de seu irmão o senhor D. Pedro IV, e desembarcou em Lisboa no dia 22 de Fevereiro de 1828.

Esperavam-o com ancia os realistas, por não terem triumphado completamente em 1825, nem em Abril de 1824, e por estarem desgostosos com a carta liberal de 1826, então vigente. Os constitucionaes viam o senhor D. Pedro a grande distancia, no Brasil; estavam cançados da guerra civil; reconheciam a impor-

tancia numerica do partido realista, e o poder das classes elevadas que lhe davam direcção, e resignavam-se a viver tranquillos sob a auctoridade do regente. Alguns contavam com a conservação de um regimen constitucional ultra-moderado, e satisfazião com isso.

O partido realista, antes que alguns acontecimentos imprevistos, a prudencia e os conselhos da politica estrangeira lhe frustrassem a victoria, proclamou rei o senhor D. Miguel, e desenvolveu em todo o reino um enthusiasmo e uma decisão em favor deste principe, á qual não era facil resistir. O proprio povo empregado na cultura dos campos esquecia as canções populares para cantar o hymno do senhor D. Miguel.

Uma parte deste sentimento partidario desviou-se do seu curso natural e conveniente para tomar o caminho da perseguição aos liberaes. Cada qual viu aberta a porta para entrar em caza do seu inimigo e vingá-lo, e se muitos

desprezaram nobremente esta occasião de dar larga ás más paixões, outros não foram, nem tão virtuosos, nem tão moderados.

Sampaio foi então prohibido de ensinar aos rapazes da sua aldea o alphabeto ou o latim, que podiam ambos conter ideas revolucionarias. Despediu os discipulos, fechou o Lobato e o Pereira, e conservou-se tranquillo em caza de seus paes.

O joven principe da caza de Bragança dissolveu as cortes constitucionaes, e mandou reunir os Tres Estados do Reino por decreto de 3 de Maio de 1828, para resolverem, se com effeito o thrôno lhe competia a elle, ou a seu irmão mais velho o senhor D. Pedro. Entretanto mudava-se o pessoal dos principaes logares de Estado e do Exercito, e o futuro começava a não ser duvidoso para pessoa alguma. O senhor D. Miguel accitava o convite do partido realista, e ia ser Rei.

O exercito quiz oppor-se. No dia 16

de Maio a guarnição do Porto sublevou-se, organisou um governo intitulado « Junta Provisoria encarregada de manter a legitima auctoridade de El-Rei o senhor D. Pedro IV, » e obteve a adherencia da maior parte das tropas portuguezas, que acabavam de bater-se contra o Silveira em nome da Carta.

A popularidade do senhor D. Miguel era tal que o exercito constitucional, apesar de ser composto dos melhores corpos portuguezes, e commandado por generaes de merecimento incontestavel, teve de ceder á insurreição geral de povo, e refugiar-se em Hespanha, quasi sem ter combatido. Um cavalheiro da provincia de Tras os Montes, o general Pizarro, que morreu Visconde de Bóbeda, foi quem teve a coragem de conduzir ao exilio as forças liberaes. Os chefes superiores embarcaram no vapor Belfast para Inglaterra.

O governo do senhor D. Miguel não comprehendeu a importancia da victoria, e teve medo. E 'a unica causa honesta

que eu posso descobrir para explicar o triste systema de rigor, que se adoptou então. Os realistas julgaram que a severidade excessiva era uma necessidade, e que convinha exterminar de uma vez para sempre os revolucionarios. Enganaram-se. Uma amnistia geral e sincera teria attrahido ao reino os emigrados em Galliza, e a dedicação do povo haveria sido mais efficaz para conter os liberaes que toda a vigilancia da policia, e mais poderosa que todos os tribunaes do reino. Algumas reformas concebidas no espirito strictamente monarchico, grangeariam ao principe a affeição geral, e a caso que assim conseguiria ver reconhecida pela Europa, e até por seu proprio irmão, a nova dynastia, de que se fizera chefe.

As devassas que se mandaram abrir, e as Alçadas que se nomearam para processar e sentenciar aquelles que tinham entrado no movimento liberal, ou que lhe tinham dado *conselho, auxilio, ajuda ou favor*, deram aos vencidos o

vigor da desesperação, e obrigaram-os a ir em grande quantidade engrossar as fileiras do exercito constitucional, que de Galliza passára para Inglaterra.

Grande é a responsabilidade de quem tão mal aconselhou o principe, não prevendo mesmo que o zelo faccioso havia forçosamente de exagerar o rigor e a severidade da justiça. Assim aconteceu. Acções indifferentes serviram de prova de cumplicidade, e as vinganças particulares puzeram a mascara politica para andarem mais á sua vontade. Não faltaram testemunhas, nem juizes, e grande foi o numero dos que nesta quadra se mostraram mais realistas do que o rei. As prisões já não chegavam para tanta gente, e as Alçadas tiveram de soltar por falta de prova a maior parte dos presos, porem sómente depois do longo tempo necessario para examinar uma tal quantidade de processos.

Não accuso o senhor D. Miguel. Respeito nelle o filho dos nossos antigos soberanos. Bem caro teem custado a este

príncipe os erros dos seus conselheiros. A sua infelicidade commove; a sua resignação no exílio ennobrece-o. Nessa dolorosa e terrível quadra, aquelles infelizes que puderam approximar-se da pessoa do príncipe, e implorar compaixão, não saíram da sua presença desconso- lados.

O seu governo foi detestavel, mas na expiação das faltas e dos crimes desse reinado o senhor D. Miguel foi uma das victimas principaes.

Sampaio tinha em 1828 vinte e dois annos, e com a idea no estado ecclesias- tico a que se destinava, nem se alistou no exercito constitucional, nem por qualquer modo se comprometteu na luta. Apesar de lhe terem prohibido o ensinar, não se julgou por isso obrigado a defender com as armas o direito de dar lições de graça aos rapazes da sua freguesia, e cuidou escapar á tormenta politica ficando socegado na caza paterna.

Não lhe succedeu como cuidava. A politica incumbiu-se de lhe contrariar

a vocação, e de o desviar da Igreja, e deu conta da incumbencia.

Nesse mesmo anno de 1828, no dia de Todos os Santos, que é no 1° de novembro, vinte e um soldados do regimento 22 de infantaria, de guarnição em Braga, entraram de manham na igreja da freguesia de S. Bartholomeu, e prenderam o padre que dizia a missa, o qual era amigo e padrinho do Sampaio, e a elle proprio que lhe servia de acolytho.

Mal sabiam aquelles pobres soldados do 22 de infantaria que o rapaz, que iam conduzir prezo, havia de vir a ser o mais célebre escritor politico do partido liberal, e um dos seus chefes mais notaveis, e que se elles por aquelle acto tiravam uma entidade ao estado ecclesiastico, accrescentavam ás letras mais um nome illustre.

Levaram-o dali para o Aljube do Porto onde esteve dois annos e meio. A Alcada por fim deu-lhe o crime (!) por expiado com o tempo da prisão, maneira peregrina de soltar os innocentes

sem descredito do governo nem da justiça, e no dia 21 de Abril de 1831 mandou-o soltar, ficando todavia sujeito á vigilancia da policia. Hoje que a mudança das circunstancias fez do crime de então a virtude de agora, pôde affoitamente dizer-se que Sampaio nada tinha feito que merecesse o menor castigo.

O doutor Manoel José Ferreira Tinoco, de Barcellos, que Sampaio conhecera no Aljube, convidou-o a ir estar em sua caza, e elle accitou o convite, provavelmente para viver affastado daquellas boas almas de Esposende, cujo zelo realista lhe tinha ja custado dois annos e meio de cadeia.

Em caza deste advogado se instruiu nas materias de direito portuguez, e este tirocinio juridico não lhe foi inutil para a carreira politica, na qual lhe não saltaram depois as occasiões de fazer uso conveniente do que aprendêra no escriptorio de doutor Ferreira Tinoco.

Sampaio pertence já a um partido politico, e neophito liberal espera a oc-

casião de confessar a crença, e de morrer por ella, sendo necessario. O dia está proximo.

VI.

Chegou o anno de 1852, e os constitucionaes vieram desembarcar perto do Porto. Os realistas abandonaram-lhes a cidade para depois os apanhar ali todos juntos, sem que se espalhassem pelo reino a soltar os presos, e a fazer levantes. Isto se disse nesse tempo.

Os liberaes eram 7,500 homens entre portuguezes e estrangeiros. Destes o numero não era pequeno, mas a qualidade em geral era muito má, porque com a pressa de fazer batalhões não tiveram tempo de escolher. Ora o numero e a qualidade eram o menos; o que valeu ao senhor D. Pedro por 40 ou 50 mil homens de boas tropas foram as perseguições feitas pelos realistas. Cada filho, pae, irmão, tio ou parente de um preso, ou de

um degradado, foi uma recruta, ou um conspirador contra o senhor D. Miguel. As familias dos emigrados tambem eram nas provincias auxiliares poderosos.

Essas e outras causas tiveram de certo maior força do que os estrangeiros que em ambos os exercitos serviram e commandaram. A Alçada do Porto fez mais em favor da liberdade do que o general Solignac e o almirante Napier. E a prova está em que a admiravel organização do exercito realista foi devida ao Conde de Barbacena Francisco, e não a um general estrangeiro, e a unica victoria completa ganha pelas tropas de senhor D. Miguel, alcançou-a o velho general Povoas em Souto Redondo com uma boa carga de baionetta do regimento 24, e não o marechal Bourmont, nem o barão Clouët, nem o Macdonnell. Se o Porto esteve quasi a render-se por causa da falta de viveres e de munições, foi o general visconde de Santa Martha quem reduziu a essa critica situação o exercito liberal.

Do lado do senhor D. Pedro aconteceu o mesmo. As armas dos realistas foram entregues aos marcehaes duque da Terceira e duque de Saldanha depois de muitas batalhas perdidas, e não as foram arrancar os generaes estrangeiros das mãos dos portuguezes. Bom teria sido que nesta questão nacional nem uns nem outros andassem a chamar gente de terras estranhas, ou foi melhor que viesse e que todos vissem que não era necessaria.

Voltêmos ao nosso assumpto.

Nesta conjunctura resolveu Sampaio ir unir-se ás tropas do senhor D. Pedro, preferindo combater com as armas na mão a estar sempre em sustos de tornar a ser preso; idea que já o nosso poeta minhoto Sá de Miranda approvava quando dizia que era melhor que um homem morresse

A ferro que de cautellas.

Ora sendo a provincia do Minho uma das mais decididas pela causa do senhor

D. Miguel, a resolução de Sampaio era a mais prudente, apesar de talvez não ser a que mais agradasse a seus paes.

Deixou pois Barcellos e foi alistar-se no regimento de voluntarios da rainha D. Maria 2^a. Ali serviu até ao fim da guerra entre tantos officiaes distinctos, que depois o exercito accitou por oiro de lei que cada um delles sera; e de certo serviu como bom soldado, pois mais tarde em lutas de toda a especie, e de não menor risco, nunca Sampaio perdeu por falta de coragem, e de sangue frio. E nesse tempo em que um soldado liberal tinha de ser para 7 ou 8 do inimigo, todos eram bons soldados, e apesar do arroz e do bacalhau, e da colera, e das bombas, e das balas daquella grande peça do Paulo Cordeiro, que estava no castello de Gaia, batiam-se ás mil maravilhas. Pena era que fosse contra portuguezes !

Publicava-se então no Porto um jornal intitulado *A Vedeta da Liberdade*, do qual era proprietario o Mendanha, e

redactor o ex-monge beneditino Antonio do Carmo Velho de Barboza, abbade de Valhom. Sampaio conseguiu entrar na redacção como traductor das folhas estrangeiras, e ao mesmo tempo foi nomeado guarda da alfandega do Porto a pedido de um amigo.

Como lhe permittiam que puzesse no emprego um serventuario, assim o fez, e dos magros seis tostões que dali vinham, só lhe ficavam dois para as suas despesas ordinarias. Deste modo foi vivendo parca e modestamente até que por effeito de desintelligencias sobrevindas entre o proprietario e o redactor em chefe da Vedeta, este saiu, e Sampaio foi escolhido para o substituir.

Acabára a guerra. O senhor D. Pedro vencêra os adversarios das instituições liberaes, mas os amigos e os mais ardentés partidarios das novas ideas é que lhe davam agora mais que fazer. Aquelles proprios que as justças do senhor D. Miguel teriam castigado asperamente por serem liberaes, e que por esses paizes

estrangeiros haviam andado, como se diz vulgarmente, a comer o pão que o diabo amassou, ou que no Porto o vieram rilhar ainda mais duro e secco, esses voltavam-se agora contra o governo do duque de Bragança.

Não lhe agradeciam as victorias alcançadas por mar e por terra, porque nellas haviam derramado sangue; não lhe ficavam obrigados por ter posto do seu lado uma grande parte da Europa, porque a causa era de todos; nem admiravam a presteza e facilidade com que obtivera os fundos necessarios para a guerra, antes pelo contrario o accusavam do modo porque se houvera nisso. Assim o diziam e sustentavam nas praças, nos clubs, e nos jornaes.

As pessoas, que cercavam o imperador, homens quasi todos de subido merecimento, invocavam a popularidade a que o regente tinha direito, dizendo-se *amigos de D. Pedro*, e tomavam a Carta como escudo, proclamando-se *cartistas*. Os outros vendo-se alcunhados de ini-

migos do principe e da lei fundamental, que todos tinham ajudado a estabelecer, não recuaram, antes se dispuzeram muito deliberadamente a guerrear o duque de Bragança, e o seu codigo politico, se tanto fosse necessario.

Dava cubiça de batalhar ver deante de si entidades tão fortes a combater, e a imprudencia dos chamados amigos de D. Pedro e da Carta veio a custar cara em sangue e em dinheiro ao partido liberal. Tão perigoso é metter nas questões de partido o nome do rei ou o das leis do reino, que todos devem amar, respeitar e defender!

A opposição, que já vinha de França e da Belgica, e que se sustentára no Porto apesar das fadigas militares, apresentou-se poderosa no parlamento onde Passos (Manoel) e o Marechal Saldanha a capitaneavam, dando com o seu incontestavel talento e rara energia um caracter grandioso a estas lutas civis.

Digamos a verdade. Ninguem tinha razão inteira. Todos o reconheciam e

cada partido se preparava para a transacção honrosa, que fosse compativel com o character ás vezes inflexivel e melindroso de um soberano, que abdicára duas coroas em menos de trez annos. Nesse tempo falleceu inesperadamente o senhor D. Pedro ainda no verdor dos annos. Concedeu-lhe Deus que conduzisse o povo portuguez á terra da Promissão, onde a liberdade e as reformas deviam plantar-se, prosperar e produzir bons fructos, mas não quiz que fizesse mais.

Grande principe foi o senhor D. Pedro! Muito amante da civilisação e do progresso, cultivoso da gloria militar e dos loiros civis, soberano de pensamentos elevados, e homem de coração generoso. A historia ainda o não desenhou senão de perfil, e tarde o hade encarar de face. Pela minha parte não conheço na historia moderna um principe das antigas familias reinantes, e educado para reinar, que possa competir com elle.

Morto o imperador no dia 24 de se-

tembro de 1834, foi declarada maior a senhora D. Maria II. A rainha conservou no poder o partido cartista no qual ella via os companheiros e amigos de seu pae, os seus conselheiros e a gente com quem Ella se creára na emigração. A opposição chorou com sentimento verdadeiro a morte do regente, mas continuou a atacar o governo com a mesma força.

A Vedeta era então no Porto um dos orgãos mais decididos dos descontentes, e por essa rasão um dos jornaes mais lidos nas provincias do norte do reino; que em todos os paizes os gritos dos que se queixam, e dos que censuram, são mais ouvidos do que as vozes dos que se proclamam felizes, e dos que exaltam as virtudes de quem governa. O mundo foi sempre assim, assim é, e assim hade ser sempre.

Aqui temos pois Sampaio jornalista, mas jornalista de provincia, o que não é posição elevada em uma terra, onde mesmo os escritores das folhas da capital

não disfrutam por esse meio grandes proventos. Por fortuna do novo redactor o vento politico soprava então rijo do norte, e era vento favoravel.

VII

Os dois partidos em que andava dividido o bando constitucional, que não era muito numeroso, desejavam outra vez transigir. Ambos queriam paz, e Agostinho Jose Freire chefe do partido cartista, não repugnava a um accordo com os seus adversarios. Veio porem a revolução de setembro desarranjar todos os calculos. Governo, amigos de D. Pedro, cartistas e Carta tudo caiu por terra, e ainda hoje a gloria de os deitar abaixo anda por esse mundo á busca de dono.

A revolução de setembro foi anonyma, e espantou vencedores e vencidos. Estes então nem concebiam como se pudesse governar sem elles, e assentavam

que os iriam buscar a caza, e pedir-lhes que fossem dar movimento á maquina do governo que sem elles não girava. Por isso deram todos a sua demissão de pancada, erro crasso de que logo depois se arreponderam, mas já era tarde.

O primeiro ministerio da revolução de setembro teve por chefe, Manoel da Silva Passos, um dos homens de mais largo espirito e de aspirações mais nobres entre quantos tenho conhecido na minha vida em Portugal e fóra delle. Foi este ministro quem tirou Sampaio da redacção da Vedeta para o logar de secretario geral da administração de Bragança.

Naquella occasião se houve favor, fel-o Sampaio em acceitar o cargo porque realmente ninguem podia querer começar carreira com um governo que não parecia dar grandes esperanças de vida. Os proprios homens da opposição julgavam que os acontecimentos inesperados de setembro lhes tinham dado a comer verde a maçã que elles tencionavam

colher depois de madura, e mostravam ter receio de que lhes cortasse os dentes.

Em casos taes o dever do homem politico é sacrificar se, e Sampaio accitou sem hesitar partindo logo para Bragança onde o governo collocára como administrador geral um cavalheiro de Tras-os-Montes chamado Manoel de Castro Pereira.

Foi nesse tempo que Sampaio casou com a senhora D. Maria de Barboza Soares de Brito Sá Lençoes, da qual unicamente sei que era viuva do capitão João de Amorim e que morreu em Lisboa em 1844, chorada por seu marido com o sentimento de entranhado affecto que Sampaio teve sempre pela sua familia.

Manoel de Castro Pereira nunca foi tomar posse do logar, e Sampaio ficou governando Bragança ate 1838. Nesse anno nomearam administrador geral Rodrigo Pinto Pizarro, Barão da Ribeira de Sabroza, porem este homem eminente,

que o destino chamava a funcções mais importantes, não se demorou no districto mais de 15 dias e partiu logo para a côrte a tomar assento no senado que na constituição novamente feita substituiria a camara dos pares.

Ambos estes cavalheiros foram depois ministros e cada um delles nas mudanças ministeriaes se incumbiu voluntariamente de recommendar a conservação de Sampaio aos novos ministros do reino. Ribeira de Sabroza, sendo presidente do conselho em 1839, escreveu a Sampaio pedindo-lhe que accitasse o cargo de administrador geral de Castello Branco que o ministro da reino, Julio Gomes da Silva Sanches, lhe queria dar.

Sampaio não ambicionava estes acrescentamentos. Secretario, fazendo o seu dever com zelo, honra e intelligencia, podia ficar ali por largos annos; administrador geral, era quasi de rigor que caisse com os ministros. Recusou pois, mas apesar disso foi nomeado e em Moncorvo, quando de Bragança se

dirigia a Castello Branco, soube que o ministerio Ribeira de Sabroza tinha sido substituido por um gabinete em que começavam a avultar as feicções cartistas.

Este foi, pôde dizer-se, o ultimo ministerio setembrista. Succumbiu a uma intriga da côrte, e á influencia ingleza que andava então muito activa a organizar a repressão geral do trafico da escravatura. O barão da Ribeira que previa historias como a que tivemos ha pouco com a França, quiz resistir ás exigencias inglezas; o partido cartista clamava que, se não cedessemos, os inglezes occupariam as nossas colonias, e a rainha quando lhe pareceu mudou o ministerio.

O tempo dos homens de setembro estava passado. Alguns delles commungavam já com os cartistas, e uns e outros se preparavam para ver ressuscitar a Carta do senhor D. Pedro. Má quadra foi essa como todas aquellas em que o pensamento governativo é pouco leal.

O partido setembrista cuidava ainda

governar. Sua era a constituição, sua uma grande parte dos empregados publicos, e seu na verdade o ar politico que se respirava no paiz. Os cartistas porem julgando possuir o appoio da coroa, e procurando entrar na governança por todos os meios contavam com as divisões e fraquezas do partido setembrista, fomentavam-as e tiravam dellas todo o partido possivel.

Não havia administração, nem a podia haver. Os cartistas esforçavam-se em recuperar a influencia que imaginavam ter possuido, e os setembristas defendiam com tenacidade a preponderancia que a victoria lhes déra, e que a popularidade de certas providencias augmentára. Desacordo entre as autoridades. Nenhuma ordem! Nenhum governo! Luta desde o conselho de ministros até aos cabos de policia! Assim estava o reino!

Em Castello Branco acontecia como nas outras terras, e ali as rivalidades de algumas familias influentes ainda mais feio punham o caso. Mal se podia

ser juiz com taes mordomos. Sampaio, que não deixára inimigos em Bragança, apesar de ser homem de antes quebrar que torcer, cuidou que lhe aconteceria o mesmo em Castello Branco.

Ao cabo de pouco tempo teve de mandar autoar e processar a camara municipal da cidade, por não querer cumprir uma resolução do conselho de districto, porem o governo deu razão á camara, demittiu o administrador geral, e nomeou para o substituir o proprio presidente da municipalidade, João José Vaz Preto Giraldes.

E note-se bem quanto póde a força das circumstancias. Esta desforra partidaria, mais nociva do que util ao principio de autoridade, embora o nomeado fosse, como era, um cavalheiro honradissimo e de um probidade politica inflexivel, foi ordenada pelo ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, homem de grandes qualidades, e principalmente de muita prudencia e juizo, prendas que não se encontram em Portugal ás es-

quinas de todas as ruas, nem mesmo em muitas cazas particulares.

Este homem de Estado, a cuja velhice a providencia tinha reservado a fortuna de reconciliar ou antes dissolver os partidos á força de tolerancia e de paciencia, e que devia mais tarde provar com exemplos irrecusaveis que era possivel haver em Portugal liberdade e ordem sem que nem uma, nem outra, nem ambas reunidas fossem monopolio de certas e determinadas pessoas; esse homem, pois, de quem me não posso recordar sem a mais viva saudade, mal suspeitava então que um dos poderosos e desinteressados cooperadores dessa regeneração futura havia de ser o proprio administrador geral de Castello Branco, que elle acabava de despedir!

Ali acabou a carreira administrativa de Sampaio. Aos seus adversarios ouvi eu dizer mais tarde que não deixára um inimigo no districto, e até me recordo que m'os affirmaram em occasião em que alguns amigos politicos delle

lhe começavam a atirar destas pedradas de bom camarada, que em Portugal sam um habito inveterado e até um brinquêdo innocente.

VIII

Pouco tempo depois de chegar a Lisboa, entrou Sampaio para a redacção da *Revolução de Setembro*, jornal fundado pelo nosso célebre orador José Estevão Coelho de Magalhães, o qual reunia as duas qualidades de proprietario e de redactor da folha.

José Estevão entrava então na melhor quadra da sua mocidade. Já era orador esperançoso e intrepido, professor da Polytechnica, e capitão de artilharia, dos da Serra do Pilar. Quando elle fallava nas côrtes, sem recear medir-se com os veteranos da eloquencia portugueza, a sua bella phisionomia, a sua presença rica de autoridade e de energia, a facilidade da palavra, a voz agradavel e

sonora tinham grande influencia no animo do publico e da camara. E mais não se sabia ainda que as explosões volcanicas do seu temperamento nervoso encobriam as cogitações profundas do philosopho, e que o seu character folgazão occultava uma circumspecção não vulgar na apreciação dos negocios publicos. E que alma lealmente aberta a todos os sentimentos generosos! Emfim grande orador, bello homem e bom moço!

Não se riam de que eu falle na belleza do José Estevão. Nas assembleas publicas os dotes exteriores dispoem favoravelmente os ouvintes. Em igualdade de circumstancias o povo ouve com maior prazer Cesar ou Alcibiades que Vitellio ou Diogenes. Demosthenes era defeituoso e gago. Bem o sei. Por isso a primeira vez que fallou em publico, o não quizeram ouvir. Mirabeau era feio, mas da fealdade nobre e caracteristica que vale tanto como a belleza.

Entrou pois Sampaio para o periodico de José Estevão, preparado para a por-

fiosa campanha em favor da liberdade, do progresso e das economias, na qual tão assinalados triumphos o esperavam. A *Revolução de Setembro* estava em plena opposição ao novo ministerio, e Sampaio, isento de quaesquer ligações politicas anteriores a 1856, achava-se inteiramente livre para combater com vigor as tentativas de renovação cartista. E assim o fez, depois de ter resolvido poupar unicamente o ministro que o demittira; delicadeza que nem todos sabem comprehender.

O ministerio continuava no caminho de restaurar a Carta. Os cartistas, sob o titulo de homens de ordem, entravam aos cardumes para todos os empregos e para o exercito. As côrtes tinham perdido em eleições successivas a parte setembrista e adquirido numerosas entidades cartistas; as propostas ordeiras do governo eram vivamente combatidas, mas passavam.

A imprensa liberal resistia vivamente a tão rapido retrocesso. Ella notava a mar-

cha dos negocios, revelava o alcance das providencias chamadas de ordem, e prognosticava uma restauração completa dos nomes e das coisas derrubadas em 1856. O governo não se contentava de lhe mandar responder pelos jornaes ministeriaes; á mais pequena frase susceptivel de interpretação duvidosa, o delegado querrelava, e o periodico tinha um processo.

Este systema era terrivel. O jury absolvía, a Relação confirmava, o Supremo Tribunal de Justiça tambem, mas o jornal, obrigado a grandes despezas, ficava arruinado. Era desigual a luta entre a fortuna de uma empresa particular e o cofre do Estado.

Disputava-se então o terreno palmo a palmo, e nesses pleitos a magistratura mostrou-se quasi sempre inclinada a sustentar a liberdade da imprensa, e a proteger os opprimidos, ou porque os juizes assim julgavam dever fazer, ou porque inamoviveis e inteiramente independentes se achassem livres de qual-

quer coacção governativa, ou finalmente porque tendo sido em grande parte nomeados pelos setembristas e seus correligionarios, vissem nesses negocios uma questão de partido.

Que ninguem se offenda disto. Eu respeito a magistratura, porem essa veneração não me obscurece o entendimento. As paixões politicas é que produzem esse effeito. Eu conheço homens de grande intelligencia, de saber profundo, e de virtudes solidas, que apenas se lhes falla politica, é como se se tratasse da honra da mulher ou dos dotes dos meninos; fazem do branco preto, e do amarello côr de rosa. E não sam por isso uns malvados; são apenas homens, e sujeitos ás fraquezas da condição humana como todos nós.

Foi nesta epoca que começou a tornar se célebre o nome de Costa Cabral. Era um magistrado que emigrára em 1828, que chegára depois de 1834 a juiz da Relação de Lisboa, e que mostrára sempre opiniões liberaes, mesmo

exaltadas. Como homem de energia e liberal nomearam-o administrador geral de Lisboa, cargo difficil naquella occasião em que a guarda nacional tocava a generala todos os dias, e em que ninguem se entendia, porque a ninguem convinha entender-se com os outros.

Eu não sei como o novo empregado administrativo, a quem o governo concedêra grandes vantagens, de liberal exagerado que era, se fez reaccionario, mas a verdade é que se fêz, e por esse caminho foi a ministro das justiças em 22 de novembro de 1840, se me não falha a memoria. Talvez que essa mudança se deva attribuir á irritação com que o partido progressista accusou e interpretou as medidas repressivas, que Costa Cabral ajudou a executar, ou que talvez propôz e fêz adoptar. Nem todos teem a placidez de animo necessaria para permanecerem fieis a quem os maltrata.

A historia desse tempo sabem-a todos. Costa Cabral de 1840 a 1842 preparou

a restauração da Carta de dentro do ministerio, e quando lhe pareceu que estava prompta, foi com licença ao Porto, proclamou o código de D. Pedro, marchou sobre Lisboa com alguns regimentos, e depois de uma especie de Auto de Gil Vicénte, que se representou na côrte com o nome de ministerio do Entrudo, subiu ao poder e formou um gabinete.

Um governo reaccionario por acinte devia dar origem a uma opposição acintosamente liberal, e assim aconteceu. A guerra civil era inevitavel. Eu digo reaccionario por acinte porque em 1842 não havia já elementos revolucionarios, e o movimento do Porto em vez de enfraquecer os que ainda restassem, creou-os de novo. Os principios moderados da Carta estavam restaurados : restaurar tambem os nomes e as pessoas, era amor demasiado ás tradições historicas : era mais acinte que politica.

José Estevão e o coronel de cavalaria Cesar de Vasconcellos hoje visconde de Torres Novas, insurreccionaram-se e

foram reunir-se em Almeida com o Conde de Bomfim, ex-presidente do conselho, ex-ministro da guerra, e antigo chefe de Estado maior do senhor D. Pedro.

Quem diria que este general, que em Lisboa tinha combatido havia pouco as sedições populares com as armas na mão, commandaria uma revolução militar contra o governo? Altos juizos de Deus!

As forças revoltadas foram infelizes, e esta tentativa acabou pela capitulação de Almeida. Os chefes da revolta saíram para Hespanha; José Estevão partiu para Paris. Sampaio, que ficára em Lisboa, continuou a dirigir a *Revolução de Setembro*, e achou-se constituido em centro da actividade do partido progressista.

Começa aqui um dos mais bellos periodos da vida politica deste homem, e da sua influencia nos negocios publicos. O partido liberal tinha nelle fitos os olhos, a elle vinha queixar-se dos seus soffrimentos, e na sua corajosa prudencia fundava grandes esperanças.

IX

A imprensa suspensa durante a guerra civil devia volver á sua primitiva liberdade no dia 25 de maio de 1844. O governador civil de Lisboa, que era então José Bernardo da Silva Cabral, irmão do ministro do reino, ordenou que os jornaes se habilitassem de novo. Obedeceram alguns. Sampaio recusou; porque sendo as habilitações feitas perante a justiça, o poder administrativo carecia de autoridade para as invalidar.

Elle bem sabia que o periodico, que dera á revolta o seu chefe politico, não podia contar com o favor do governo, porem o que Sampaio desejava mais era dar ao seu partido um exemplo de resistencia legal, e obrigar o governo a tomar medidas violentas, que indispuzessem contra elle a opinião publica. Os riscos eram grandes. Melhor. Mais proveitoso havia de ser o exemplo.

A *Revolução* continua a publicar-se sem habilitações novas. No dia seguinte são presos os distribuidores, a imprensa é sequestrada, os compositores e os impressores vam dormir na cadeia, a officina fecha-se, sellam-se as portas, e a policia mette as chaves na algibeira, mas o periodico não cessa; os assignantes recebem-o; os curiosos encontram-o nos cafés; os proprios ministros deparam com elle em toda a parte. A policia corre á direita e á esquerda, pergunta, espreita, perscruta, mas não descobre durante 11 mezes e 4 dias onde elle se imprime, nem onde param os redactores!

O visconde de Castro, ministro dos estrangeiros, prohibe ao correio de expedir a *Revolução* para as provincias. E' tempo perdido. Lá chega do mesmo modo. A nação é cúmplice de Sampaio. A policia não comprehende este phenomeno, ou se o comprehende, não se atreve a dizel-o.

A final os tribunaes resolveram contra o governador civil e a *Revolução* deixou

de ser jornal clandestino, depois de ter dado ao partido liberal o exemplo de uma resistencia que o poder judicial declarára legitima. Foi advogado da *Revolução* o doutor Alberto Carlos Cerqueira de Faria, e nesta conjunctura deu provas de decisão e de coragem.

Estes acontecimentos augmentaram muito a reputação de Sampaio. Os artigos escritos por elle eram lidos com avidez, e o governo atormentava-se de o não poder obrigar a calar-se. Os amigos de Sampaio agouravam-lhe rudes trabalhos, e chegavam a temer que no vigor da luta a paixão desvairasse os seus adversarios a ponto de attentarem contra a existencia do corajoso redactor.

Sampaio fazia justiça aos seus inimigos, e não adoecia de medo. Eu conheço poucos homens tão pacificamente valerosos como elle, assim como de poucas pennas sei, que sejam tão destras em tocar o ponto sensivel dos adversarios sem perder a linha da sua posição legal.

O officio de periodiqueiro tem seus ossos como todos os officios. A entrada é de rosas. Os collegas comprimentam o redactor esperançoso, que debuta, e agouram-lhe um grande futuro. Poucos dias depois chamam-lhe asno, boçal e estúpido. Passam seis mezes, e se elle sobe as escadas de uma secretaria, accusam-o de ladrão e de concussionario, e por dá cá aquella palha mandam-lhe a casa dois padrinhos, não para lhe pôrem a mão na cabeça junto da pia do baptismo, mas para combinarem com outros dois sujeitos chamados tambem padrinhos, o modo mais decente de o matarem ou de serem mortos por elle.

Osso é este assás duro, que custou a vida a Armand Carrel e que por varias vezes pôz em risco a de Sampaio. A brincadeira parece má, e não é. Nas terras onde os desafios sam sérios, a imprensa é mais commedida e por isso mesmo gosa de maior auctoridade.

O primeiro duello de Sampaio devia

ter sido em 1843 com o tenente coronel de caçadores Joaquim Bento, hoje general e barão do Zezere. Os padrinhos reuniram-se, porem o combate não chegou a ter logar.

O segundo foi em dezembro de 1843 com o capitão de infantaria 7, Ayres Gabriel Afflalo, por causa de um artigo a respeito de segurança publica, que Sampaio escrevêra na *Revolução* de 10 desse mez. Não havia ataque pessoal, nem offensa para o corpo em que servia aquelle official, e reconhecendo-o assim o offendido, finalisou a contenda com duas cartas cortêzes. O terceiro duello ficou em projecto; do quarto fallaremos mais tarde.

Sampaio continuava sempre a ser redactor da *Revolução*, e a adquirir grande auctoridade no partido liberal, já engrossado por uma grande porção de cartistas descontentes da reaccão desnecessaria e provocadora do ministerio do Conde de Thomar.

Não cuidem que detesto este nome, ou que o tenho em pouca conta. Sei que

tem valor, e hei-de em occasião opportuna fazer justiça inteira á sua importancia politica. Eu sempre que vejo pôr pelas ruas da amargura os nossos homens publicos, sejam de qual partido forem, cuido que no fim de tudo os injuriados somos nós, que os temos supportado no governo. Mas nesta quadra o systema politico do energico chefe da direita foi causa de uma grande revolução e de outros muitos males, cujas consequencias ainda hoje se sentem. Não é com vinagre que se caçam as moscas, e ao mel acodem aos enxames. Estas palavras triviaes encerram um aphorismo governativo.

Tinham os ministros feito duas leis que eram boas, como algumas outras desse governo. Uma regulava o serviço da saude publica, e a outra decretava a contribuição de repartição sem a qual não ha finanças possiveis, e teem os ministros de andar a sonhar de dia no imposto que hão de mandar deitar de noite; unico meio para o povo o não sentir,

como reza uma anedocta portugueza.

Pois essas duas leis sublevaram as provincias do norte, e pela primeira vez depois do reinado do senhor D. Miguel os camponezes largaram a enxada para pegar na escopeta, e outros vieram para a praça com a sachola na mão por não terem melhor arma. Levantou-se toda a gente, homens velhos e novos, mulheres e creanças, e tudo gritou : *Abaixo os Cabraes, abaixo as papeletas.*

O Costa Cabral, que a Rainha fizera em setembro de 1845 Conde de Thomar, saiu do reino, e chamou-se o duque de Palmella para organizar o ministerio.

Os cartistas ficaram aterrados desta insurreição geral, e a alguns ouvi eu lamentar na sua sinceridade que não pudessem governar sem que o povo se revoltasse contra elles, e os tirasse do governo. Já era a segunda vez depois de 1854. A sciencia de deixar o poder a tempo para voltar a elle em breve, ainda então estava pouco conhecida em Portugal.

X

O duque de Palmella era um fidalgo ás direitas, generoso e caritativo sem ostentação, urbano e attencioso para com todos sem a calculada reserva, que dá ás vezes á cortezia aristocratica o amargo sabor da humiliação, e de trato facil e circumspectamente familiar; typo precioso, que vae desaparecendo em todas as nações, e que apesar de ser, com perdão dos meus amigos populares, um privilegio exclusivo da aristocracia, podia muito bem ter escapado ás reformas por ser fundado em utilidade publica.

De estatura muito pequena, pallido, nariz aquilino, olhos grandes e vivos, o duque tinha uma physionomia mais italiana do que portugueza, na qual brilhava um sorriso de ironia suavemente viva, que não deixava duvidar da sua intelligencia, nem da sua cathegoria social. Era homem instruido, muito conhecedor

dos personagens e dos negocios estrangeiros, e de coração ainda mais nobre do que a linhagem dos Souzas, de quem descendia, e que é das primeiras do reino, ou do que a de Holstein, e a de Sanfré no Piemonte, das quaes eram suas avós.

Tinham-o mandado nos mais verdes annos representar o rei de Portugal no Congresso de Vienna de 1815; depois fôra ministro no Brazil; desterrado pelas côrtes de 1820 quando voltava com o rei; nomeado em 1823 para presidir a commissão encarregada de preparar a constituição promettida em Villa-Franca, e finalmente embaixador por largos annos em Inglaterra.

Em Vienna apesar da sua pouca idade agradaram-lhe mais as ideas constitucionaes e mysticas de Alexandre I° da Russia do que as theorias seccamente reaccionarias do principe de Metternich. Ali presenciou a luta sagaz e cortez dos dois principios, e pôde apreciar com exactidão o valor de cada um delles. Viu forjar os grilhões, que se estam agora despeda-

çando na Italia, e fez-se liberal na forja do absolutismo, como tantas vezes acontece.

Em Inglaterra observou os resultados praticos das instituições que chamam modernas, aprendeu a não recear as demonstrações exageradas dos partidos politicos, e notou quanto é facil combinar todos os elementos uteis da antiga organização social com a liberdade dos povos, e com as ideas de verdade e de justiça. Depois foi sempre liberal, e quando a coroa o fez duque e presidente da Camara dos Pares, e que o casamento de seu filho mais velho o constituiu chefe de uma das familias mais ricas da Peninsula, liberal ficou como era d'antes.

Diziam que a côrte não gostava delle porque estava então mais inclinada a experimentar o systema capciosamente retrogrado de Luiz Philippe, do que a franca e desassombrada lealdade interna do governo inglez. Talvez por isso se lembraram do duque na hora em que a tal moderação orleanica produzia um grande abalo social. Nunca deu outros fructos a-

quelle triste systema até que caiu de pôdre!

O duque accitou a nomeação, e o povo tambem. Os insurgentes recolheram aos seus lares, e o governo começou a marchar no caminho constitucional, contando com o bom juizo dos vencedores, e com o desengano dos vencidos.

A's armas de Souza juntára o duque a legenda *Veritatem regibus*, e agora tencionava accrescentar-lhe *et populo*. Assim o disse ao amavel e infeliz principe de Lichnowsky em um jantar, que nesse tempo lhe deu na quinta do Lumiar, e assim o pedia realmente a natureza dos negocios de que o duque emprehendera a direcção.

Palmella acreditava na força dos jornaes, como homem acostumado a viver em Inglaterra, e uma das suas ideas mais queridas foi obter a cooperação directa de Sampaio que todavia já appoiava na *Revolução de Setembro* o novo ministerio. A luta contra o Conde de Thomar dera a Sampaio uma popularidade immensa, e a sua reputação de escritor publico era

grande em Lisboa e nas provincias.

Coube ao governador civil de Lisboa José Joaquim dos Reis e Vasconcellos, amigo particular do duque, dar os primeiros passos neste negocio. Fallou ao Sampaio, e offereceu-lhe o logar de secretario geral do governo civil de Lisboa, com a condição de se dar a este emprego a graduação dos governadores civis do reino, visto que Sampaio já tinha sido administrador geral. Sampaio recusou acceitar, para conservar a sua liberdade de redactor e de deputado que contava ser, e declarou que, em todo o caso não consentiria nunca que em seu favor se creasse uma cathegoria especial.

A este offerecimento seguiu-se o de se fundar um jornal com imprensa propria, e com uma subvenção do duque durante um anno. Se a esse tempo o jornal tivesse prosperado, periodico e imprensa ficariam sendo propriedade do Sampaio; no caso contrario uma pensão vitalicia paga pelo duque lhe garantiria

um futuro independente. Também não foi aceita esta nova offerta. Sampaio, vivendo parcamente do seu trabalho na *Revolução de Setembro*, não quiz crear uma folha rival do periodico do seu amigo, ainda então ausente, e não hesitou um momento em recusar, apesar de ser este favor inteiramente feito á custa de um particular.

Alguns dias depois recebeu Sampaio uma carta a qual dizia.

Ill^{mo} Am^o e S^r

« Nem governador civil em nenhuma
« parte, nem secretario aqui, havendo
« o previo decreto que dê ao de Lisboa
« e Porto a consideração dos demais go-
« vernadores civis do reino, nem redac-
« tor de uma folha, nem coisa nenhuma?

« Diga-me algum noticia agradavel, e
« escusado é dizer-lhe qual dellas para
« mim seria a melhor.

« De V....

« José Joaquim dos Reis e Vasconcellos.

Nem as cartas do governador civil de Lisboa, nem as palavras do duque que directamente lhe fallou, conseguiram fazer mudar estes sentimentos de delicadeza, que prendiam Sampaio ao jornal de José Estevão. Mesmo na hora do triumpho, e quando no ministerio figuravam alguns dos mais antigos amigos politicos de Sampaio, os interesses dos seus companheiros de combate valiam mais no animo do redactor da *Revolução* do que as vantagens proprias.

Estes casos não sam frequentes. A delicadeza peregrina da proposta é rara, rarissima em homens de Estado; a recusa é talvez ainda menos vulgar. O homem de Estado chegado áquella alta posição por entre os erros, os crimes, as fraquezas e a corrupção dos outros homens, crê pouco na virtude, vê nas entidades politicas instrumentos de maior ou de menor valor, ensaia-os na pedra de toque da utilidade pratica, peza-os na balança das conveniencias publicas ou das proprias, e quer compral-os. Nem

comprende que haja algum que se não venda!

Character de ferro, e bem temperado, precisa ter o redactor para resistir ás tentações corruptoras que o cercam por todos os lados. Todos desejam o seu auxilio, e não ha meio de o obter que esqueça aos pertendentes. Cada um procura incarnar-lhe as suas proprias paixões, e fazel-o instrumento da sua ambição e dos seus rancôres; e nenhum se esquece de espreitar o lado fraco da natureza humana, pelo qual um sentimento menos nobre possa introduzir-se, e collocar o jornalista na dependencia dos que até então dependiam d'elle.

Ha sempre em torno dos jornaes importantes uma nuvem de abutres politicos, que esvoaçam sobre a redacção á espera da hora propicia em que possam dar-lhe cabo da moralidade e do pudor.

O jornalista serio conhece-os por dentro e por fóra. Nem lhes agradece a amizade de agora, nem lhe importa com a mudança do dia seguinte. Elle bem

sabe que muitos desses camaradas da vespera se transformarão em adversarios na hora do triumpho. Serão elles quem proclamará a incompatibilidade absoluta do redactor, quem hade encaecer a exaggeração das doutrinas, quem apontará ao dedo a clientela nociva, que o cerea, quem lembrará os odios que tal artigo concitára, as esperanças que tal outro fizera nascer, e quem finalmente estabelecerá na mediocridade do seu animo ou na dobrez das suas intenções, que o general que hontem ganhou a batalha, nem tambor pôde ser na parada de hoje!

E o mais é que frequentes vezes essas doutrinas exageradas já elles proprios as accusaram de pouco vehementes; dessa clientela forneceram elles a porção menos avantajada; e dos artigos violentos a principal parte veio delles, e a instancias e rogos seus se estampou no jornal.

« Se eu tivesse satisfeito todas as exigencias de certos figurões, » escrevia

Sampaio a um amigo, « não teria respei-
« tado throno nem altar, nem grande
« nem pequeno, mas não o tendo feito,
« e só porque aproveitei os factos que
« elles proprios apontaram, arguem-me
« depois por isso mesmo, e condemnar-
« me hiam, se houvessem de julgar-me.
« Queriam que eu derribasse o poder
« para elles subirem, impossibilitando-
« me eu proprio de o exercer. »

Esta opinião de Sampaio funda-se na experiencia de perto de vinte e cinco annos dados ao officio, e deve servir de exemplo. Ella realça ainda mais o desinteresse com que regeitou as propostas aliás muito nobres de duque de Palmella, sabendo que nem o jornalismo nem a carreira politica lhe poderiam dar em tempo algum vantagens mais solidas.

Ficou pois na *Revolução de Setembro* esperando a vinda de José Estevão, para lhe entregar o jornal accrescentado em importancia e consideração pela judiciousa direcção de Sampaio, e pela sua inabalavel firmeza.

XI

Todos se lembram ainda como morreu o ministerio Palmella na noite de 3 de Outubro de 1846. Accusavam-o de ser revolucionario e de preparar uma Camara de Deputados capaz de dar cabo de tudo quanto se fizera com tanto trabalho desde 1842 até 1846. O certo é que o marechal Saldanha recém-chegado de Vienna foi quem o derribou e lhe succedeu.

Parece que as intenções do Marechal eram boas e que lh'as não deixaram executar. E' possivel. E' mesmo provavel. Elle não preparára os instrumentos de que era obrigado a servir-se, e amigos e adversarios lhe eram quasi desconhecidos. Não nos queixemos. Deus escreve direito por linhas tortas.

O novo ministerio, encarregado de restabelecer severamente a ordem publica, tomou medidas que em vez de acalma-

rem as paixões produziram uma tremenda guerra civil. Durante oito mezes o partido liberal, armado e dirigido pela Junta do Porto, resistiu ás forças do marechal até que em Junho de 1847 teve de ceder á intervenção estrangeira.

O Porto bloqueado pela esquadra ingleza, que ja aprisionára o Conde das Antas e a sua expedição, e cercado por 10 ou 15 mil hespanboes commandados pelo general D. Manuel de la Concha, não poderia ter resistido á acção combinada de tres nações, mesmo no caso em que a Junta se tivesse lembrado de reunir na cidade as munições de boca e de guerra, que faltavam inteiramente.

Nesta triste conjunctura, cujas causas eu ainda hei-de explicar um dia, as tropas liberaes puzeram a sua honra nas mãos do marquez de Loulé e de Cesar de Vasconcellos, e não tiveram de que se arrepender. A convenção de Gramido foi um acto leal e consciencioso.

Os militares e empregados da Junta podem ainda hoje lêr esse documento

sem córar, e o Porto escapou assim aos delirios de uma anarchia indomavel, e aos horrores inuteis de um assalto, cujas consequencias seriam fataes para a cidade, para o reino e para a liberdade. Tal foi então a opinião dos homens mais pundonorosos do partido liberal, entre os quaes avultava Manoel de Silva Passos, de cuja lealdade, amor da patria, ideas liberaes, coração generoso e coragem nunca desmentida, ninguem ainda ousou duvidar desde o começo da sua vida publica.

Mal tinha começado a guerra civil, e já o governo de Lisboa dera ordem para que Sampaio fosse preso. Teve pois de esconder-se para escapar a esta perseguição, e principiou a publicar um jornal clandestino que se denominava *Spectro*.

Este periodico distribuia-se em Lisboa de um modo mysterioso, chegava ás provincias, e veio a ser conhecido mesmo fóra de Portugal. Os ministros encontravam-o em caza e nas secretarias, ou

recebiam-o em carta pelo correio; nos theatros, nos cafés, nas ruas, nos passeios, mãos invisíveis o espalhavam com profusão. *O Spectro* apparecia a todos e em toda a parte, mas ninguem lhe descortinava a origem. Era semelhante ao Nilo. Via-se correr, porem as suas fontes eram inaccessiveis ás tentativas emprehendidas para as descobrir. Era um verdadeiro *Spectro*.

Nos paizes estrangeiros causava admiração ver continuar a publicação de um jornal clandestino na capital do reino, sem que o governo lhe pudesse pôr cobro. A propria Revista dos Dois Mundos de 15 de maio de 1847 julgou dever consagrar uma pagina a esse periodico « cuja officina mudava de casa todas as noites, e cujo redactor perseguido pela policia, arrostando a prisão e os rigores do poder, não sabia se amanhã descansaria a cabeça no sitio onde lhe fora permittido repousal-a hoje. »

Amigos e adversarios admiravam a coragem de Sampaio, e concordavam na

importancia politica de um homem, cuja força de vontade não conhecia obstaculos, nem recuava perante a possibilidade de consequencias terriveis. São raros os homens assim! Muito raros!

O *Spectro*, escrito na occasião em que a guerra civil andava mais accessa no reino, não era nem podia ser um jornal de paz e de conciliação. A sua linguagem era violenta, apaixonada, energica, severa, talvez mesmo injusta ás vezes. A paixão politica cega em occasiões taes os homens de partido, e torna-os injustos, sem que elles proprios o suspeitem.

Havia muito tempo que o partido moderado se acubertava demasiado com o nome da rainha, como outrôra fizera com o do senhor D. Pedro. Apesar disso Sampaio resistira sempre á provocação insidiosa dos seus adversarios e os seus ataques nunca subiram acima das entidades responsaveis do governo. A quadra porem era outra agora. Sampaio, que não fizera caso das provocações antigas, do exemplo de outros jornaes, e dos con-

selhos e instigações de muita gente, da que se não tinha em conta de revolucionaria e anarquista, desta vez decidiu-se de motu proprio a não recuar perante a triste necessidade de envolver nas discussões politicas o nome do chefe do Estado.

A rainha leu de certo alguns artigos vehementes do *Spectro*, que lhe eram especialmente dirigidos, porem esses ataques das lutas politicas não a impediram de apreciar com justiça o character independente de Sampaio. A senhora D. Maria 2^a era a pessoa, em cujo animo os feitos corajosos e a firmeza das convicções encontravam sympathia mais decidida. Ella via com satisfação nos outros essas duas qualidades, que ninguem possuia em mais alto grau que a soberana portugueza.

Nesses tempos a injustiça e a raiva dos partidos, não sabendo separar a entidade politica da rainha das suas qualidades pessoaes, atacaram com violencia o que nella havia de mais digno de respeito. Sampaio, sem attenção á sua situa-

ção de foragido e á sorte com que elle e os seus amigos podiam contar, se fossem vencidos, não hesitou em tomar a defesa da soberana, e em proclamar as suas incontestaveis virtudes como esposa e como mae de familia. O *Spectro* prestou nas suas columnas sincera e desinteressada homenagem a uma senhora, que foi o mais temivel, mais corajoso, e mais intelligente adversario do partido progressista. A lealdade de alma do Sampaio indignava-se da iniquidade de taes insultos, e da feroz injustiça dos partidos.

Muitos o accusaram depois por ter escrito contra a rainha; ninguem contudo se lembrou mais das palavras justas, mas generosas, com que elle a defendêra, senão a propria soberana. Só ella reconheceu, na alta elevação do seu espirito, que o ataque ao 1º funcionario do Estado era uma aggressão politica, e não um combate pessoal, e que o homem que lhe censurava acremente o modo de exercer o poder, honrava as

virtudes pessoas da rainha, e zelava a sua reputação como uma gloria do paiz.

Quando acabou a guerra civil, Sampaio voltou a tomar o seu lugar na redacção da *Revolução de Setembro*, e nella fez a mais vigorosa opposição ao ministério, no qual não devia entrar nem o conde de Thomar, nem a sua familia, nem os seus partidarios mais notaveis; que assim fôra determinado no protocolo de Londres pelos gabinetes estrangeiros, sob cuja tutela nos tinham posto então. A prerogativa da livre nomeação dos ministros, decretada no art. 74 da Carta, deram-a por um prato de lentilhas ao *Foreign Office*, á secretária de estado de Madrid e ao ministério dos negócios estrangeiros de França!

Não sei quem fez essa boa obra: que Deus lhe perdoe, mas creio por honra dos portuguezes que no fundo da alma todos os partidos deploraram tão inutil miseria. A Junta decretava em nome da Rainha; não digo que a amásse, mas af-

fastando-se desta linha perderia o maior numero dos seus partidarios. O exercito, em que o Visconde de Sá commandava, não podia ser suspeito de querer outra dynastia; e que a quizesse, não saberia onde ir buscal-a. O principio monarchico esse era, e será sempre, mais forte em Portugal do que todos os exercitos estrangeiros.

A Europa correndo a salvar os principios, que ninguem atacava, e a familia reinante, que todos desejavam conservar, mostrou quão pouco se conhece cá por fóra a verdadeira significação dos acontecimentos de Portugal. A exclusão do conde de Thomar foi honrosa para elle, e triste, tristissima, para a nação e para a coroa. Eu não sou suspeito de afeição politica ao conde de Thomar : pois nesse tempo preferia que elle fosse ministro a ver no gabinete os mais legitimos representantes das minhas opiniões, postos lá pela mão de um hespanhol ou de um inglez.

Eu creio que o marechal Saldanha não

teve culpa de entrarem os estrangeiros em Portugal a desarmar os liberaes, e a dizer á rainha como ella havia de governar. Elle era o unico que não podia aconselhar tal arbitrio, nem oppor-se a que a côrte o adoptasse. Cumpria-lhe sofrer com resignação as consequencias da falsa posição a que se deixára arrastar em 6 de Outubro, e esgotar até ás fezes o calix da amargura, do qual era este ainda o primeiro trago.

A intervenção estrangeira foi realmente suavizada pela amenidade do character de Concha, e pela disciplina e cordialidade do exercito hespanhol, mas eu não posso deixar de me lembrar della com horror, e de lamentar quem por tal meio cuidou vencer. Não accuzo pessoa alguma. Deploro um dos mais mesquinhos episodios das nossas guerras civis, e admiro a coragem dos ministros portuguezes que referendaram esses tristes actos. Não os crimino. Na vida publica é necessario ás vezes sacrificar até a reputação pessoal no intuito de salvar inte-

resses que parecem serios. Neste caso o sacrificio foi heroico.

Pouco depois o conde de Thomar voltou a ser ministro. A coroa fez bem em o chamar; devia esse desaggravo á sua propria dignidade. Elle fez mal em aceitar, porque o seu ministerio não podia ser senão uma restauração pessoal, e as restaurações sam sempre odiosas e difficéis de dirigir. As medidas repressivas voltaram, e a da imprensa recebeu, por geral accordo, a significativa alcunha de lei das rolhas.

A discordia entre o conde e o marechal Saldanha começou logo, aggravou-se cada vez mais, e a energia do primeiro ministro não recuou deante da idade e dos serviços do velho soldado do imperador. Tiraram-lhe todos os cargos, e até dos empregos do Paço o despediram.

Esta provocação foi fatal ao conde de Thomar. O marechal partiu de Lisboa cuidando que o exercito o seguiria, mas não aconteceu assim, e ja tocava a raia de Hespanha para buscar um asylo em

terras estrangeiras, quando o Porto se sublevou á voz dos chefes liberaes e o convidou a vir dirigir os esforços da nova revolução.

O marechal veio, proclamou a reforma da Carta, e no dia 15 de Maio de 1851 entrou em Lisboa, donde o seu antagonista acabava de sair. Poucos dias depois organisou o ministerio, e convocou as côrtes para o dia 15 de setembro.

O partido progressista uniu-se todo ao marechal Saldanha, e poz nelle uma confiança que a lealdade do duque não trahiou. Sampaio foi então eleito deputado, e tomou pela primeira vez assento na Camara dos Deputados, onde desde 1851 até 1858 teve a honra de ser um dos representantes de Lisboa.

As rudes campanhas da opposição acabaram. Sampaio vae fazer o seu ensaio de homem governativo, e de entidade ministerial, situação difficil em um paiz pequeno, e a muitos respeitos perigosa para um homem politico, no qual forçosamente os partidos tinham fitos os olhos,

e de quem muita gente esperava vantagens que elle não querería, nem poderia dar-lhe.

Sigamos o redactor do *Spectro*.

XII

O partido progressista nunca andou bem unido. Ou que pela natureza dos seus elementos não fosse susceptível de sujeitar-se a uma disciplina severa, ou que outras causas contribuissem para o fractionnar, o certo é que os progressistas do norte e os do sul nunca se entenderam, senão occasionalmente. Desde 1836 que tinham chefes differentes, diversa organização interna, pertenções quasi oppostas sob a apparencia de principios identicos, e grande propensão a se guerrearem.

Acontecimentos que todos sabem renovaram essa scissão, ou antes fizeram com que se manifestasse mais claramente desde que a ausencia do conde de Thomar privou os liberaes do seu prin-

cipal elemento de unidade. Os progressistas do sul ficaram com o ministerio de Saldanha, chamado *regenerador*, os do norte, tomando o nome de *historicos* para indicarem o seu apêgo ás tradições setembristas, constituíram-se em opposição.

Sampaio e José Estevão, sempre unidos, conservaram-se com os regeneradores, e deram ao governo um appoio leal e pessoalmente desinteressado. Digo pessoalmente, porque obrigação era de ambos não serem desinteressados a respeito das conveniencias do seu partido, como o foram sempre quanto ás legitimas consequencias, que muitos dos que cercam a arvore do poder olham com avidez, colhem com precipitação, e devoram com guloso appetite.

Era então ministro do reino aquelle mesmo Rodrigo, que em 1859 assignára o decreto da demissão de Sampaio, e foi, entre todos os membros do gabinete, aquelle com quem elle se ligou em mais estreita amisade. « O Sampaio, ouvi eu dizer frequentes vezes áquelle engra-

çado e bondoso velho, é um dos ho-
« mens de mais juizo pratico que eu
« conheço. Cuidei que não os havia cá
« em Portugal, mas confesso que me en-
« ganei : ao menos hei-de morrer com
« essa consolação. » Os homens que
possuem esta grande qualidade facilitam
a marcha dos governos até quando lhes
fazem guerra. « Os tolos esses é que es-
« tragam tudo. Pode-se ser tólo sem ser
« tratante, diz um excellentè historiador
moderno (1), mas nas grandes crises
« politicas os tolos causam tanto damno
« como os homens mais perversos. »

A opposição fazia a Rodrigo da Fon-
seca uma guerra cruel, da qual cada um
se desculpa agora como póde, e aquelles
proprios em cujas fileiras elle militára
sempre, de quem fôra general, a quem
liberalisára graças e mercês, e por cujo
consentimento entrára na Camara dos
Deputados, subira a ministro e a conse-
lheiro de estado, e se sentára entre os

(1) Poirson, *Histoire du règne de Henri IV.*
Introd.

Pares do reino, esses mesmos que o tinham proclamado digno e honesto, descobriam em factos de 1817 e de 1823 uma fonte perenne e inexgotavel de accusações e de deshonor. Enchiam lhe de amargura os ultimos dias, que elle ainda consagrava ao serviço da nação com um vigor juvenil e um animo despreoccupado, que nem a idade nem o aspecto permittiam suspeitar.

Sampaio defendeu-o com calor, notou a incompetencia dos accuzadores, analysou o character das accusações, e suavizou a magoa de um homem, a cuja velhice e longos serviços se offerencia o amargo fel do mais descomedido vilipendio.

Neste tempo morreu a Senhora D. Maria 2.^a no dia 15 de novembro de 1853, e o senhor D. Fernando tomou a regencia durante a minoridade de seu filho. No cortejo funebre que acompanhou á ultima morada a virtuosa filha do senhor D. Pedro, a presença de Sampaio e de um grande numero dos homens mais

estritamente ligados com elle, mostrou que as paixões politicas não lhe tinham corrompido os sentimentos de homem, nem as recordações de soldado liberal, nem a nobre lealdade de portuguez.

O escritor que desapprovára a politica da soberana, acatava o chefe do Estado como um principio, o primeiro monarca constitucional como um symbolo, a mulher, a esposa, a mae como um modelo de virtude, e a inimiga politica de outros tempos como um adversario digno de respeito. Todas essas qualidades havia na senhora D. Maria 2^a, e por isso nas maiores dissidencias occorridas no seu curto reinado pôde sempre contar com um affecto, que nem ella procurava ganhar, nem o povo manifestava com enthusiasmo, mas que estava no fundo de todos os corações.

Em junho de 1856 cahiu o ministerio Saldanha; e o marquez de Loulé, que formou o novo gabinete, declarou nas côrtes que adoptava o pensamento politico do seu predecessor, testemunho solemne e

insuspeito em favor das ideas que Sampaio defendêra, e homenagem prestada por um character honesto, e experimentado nas horas difficeis do partido liberal.

Não era só este o assumpto em que Sampaio tinha de obter o triumpho moral, que poem em esquecimento as fadigas e trabalhos da imprensa e da tribuna. Mais tarde quando no dia 15 de Maio de 1858, a nação perdeu em Rodrigo da Fonseca um dos portuguezes mais intelligentes e mais patriotas, os seus adversarios foram sobre o tumulo deste estadista confessar a probidade do homem, e as qualidades do ministro que Sampaio se empenhára em sustentar. E ainda bem que foram, por honra delles e do reino, cujos naturaes ás vezes parecem mais féras do que homens filhos da mesma nação! Tanto entre si se aggridem, se maltratam, se ferem, se dilaceram, se matam, e se devoram!

Como ministerial, Sampaio foi leal, independente e sizudo. Ajudou com dedicada affeição os homens de outro par-

tido com quem então se ligára, não solicitou para si a mais pequena vantagem, e não adulou os ministros, nem faltou a dizer-lhes a verdade em occasião opportuna. Era simples redactor e pobre : pobre e redactor ficou.

XIII

A *Revolução de Setembro* acolheu o ministerio Loulé com a cortezia indispensavel entre pessoas bem creadas, que hontem eram amigas, que ainda não se combatiam hoje, mas que amanhã poderiam estar em desacordo. A entrada do conselheiro de Estado A. J. de Avila, para o ministerio contribuiu de certo para tornar mais viva a opposição do jornal, porque o antigo ministro da fazenda do conde de Thomar nunca esteve em grande cheiro de santidade no escritorio da *Revolução de Setembro*. Nem Sampaio, nem José Estevão se recusam ás combinações politicas em que a utilidade

publica exige o sacrificio dos precedentes e das antipathias; mas em materia de finanças nunca me lembra tel-os visto em boa paz com o ministro Avila.

O gabinete Loulé chamado a marchar livremente na estrada preparada durante cinco annos pelo marechal Saldanha e pelos seus collegas, encontrou de certo sérias difficuldades, pois que não se contentando com uma maioria de seis votos na Camara dos Deputados deu a sua demissão, e a coroa chamou o conselheiro J. A. de Aguiar para formar o novo governo.

Esta primeira tentativa ficou sem effeito; o ministerio voltou ás suas cadeiras, e a opposição augmentou de vehemencia e de tenacidade. Sampaio guardou nesta luta para com as pessoas dos ministros todas as conveniencias, devidas á procedencia politica de cada um delles, e ás relações pessoaes anteriores á organisação do governo, sem por isso deixar de ser um dos primeiros chefes da opposição.

O ministro da guerra Couceiro mandou dizer a Sampaio que desejava fallar-lhe, e com effeito avistaram-se no dia 20 de Outubro de 1857. Couceiro disse a Sampaio que sabia quaes eram as suas circumstancias de fortuna, e que desejava contribuir para melhora-las; que pedisse o que quizesse, porque o governo estimaria praticar um acto de justiça para com um liberal, cujos serviços eram de tão antiga data, e tão valiosos. Que no Thesouro ou no Tribunal de Contas havia logares vagos e que esta proposta não era condicional, porque Sampaio ficava sempre livre de continuar a fazer opposição ao governo.

Sampaio respondeu que como individuo accitaria, mas como escritor publico, homem de partido e deputado, não podia resolver sem ouvir a opinião dos seus amigos: que os ia consultar, e que daria depois uma resposta a qual seria um acto consciencioso, e não uma demonstração orgulhosa. Com effeito consultou um dos seus amigos, e, de accordo

com elle, recusou a proposta de Couceiro tão honrosa para o digno cavalheiro, que a fez, como para quem não quiz aproveitar-se della.

Se o amigo que eu venho de consultar, escrevia Sampaio nesse tempo em carta particular, me instigasse a acceitar, e me chamasse tolo por não o fazer, ouviria a opinião de outros, proporia o caso aos mais influentes dos meus eleitores, e seguiria o voto da maioria; mas podendo o meu acto de acceitação enfraquecer a opposição, e prejudicar o seu triumpho, não consulto mais ninguém, e permaneço na minha recusa.

O homem que procede assim, e que depois de servir com todas as suas forças a causa da liberdade e do progresso, durante quasi um quarto de seculo, se não acha accrescentado nem na riqueza nem nas distincções, não deve recear a calunnia nem a inveja. Nessa terra, onde tantas fortunas surgiram do nada em um abrir e fechar de olhos, a modesta casa de Sampaio apenas se enriqueceu

com alguns livros indispensaveis para o trabalho! Nesse reino, onde as graças honorificas chovem com uma abundancia intertropical, o redactor da *Revolução de Setembro* em 1859 está como quando era redactor da *Vedeta* em 1855!

A final o ministerio Loulé entregou o poder a um novo gabinete presidido pelo duque da Terceira, e composto de alguns notaveis amigos politicos de Sampaio. A *Revolução* voltou a ser ministerial com as mesmas qualidades com que já o fôra durante a administração de Saldanha, Rodrigo e Fontes. Sampaio é ainda deputado e um dos homens importantes da camara e da imprensa.

Alem dos dois duellos de que dei noticia teve mais outros dois, dos quaes só o segundo é que veio a ter effeito. Foi no mez de setembro de 1854. O redactor do *Portuguez*, Santa Anna e Vasconcellos, offendido de um artigo de Sampaio, mandou-lhe os seus padrinhos. O duello teve logar no dia 13 ao meio dia, perto do Campo grande, á pistola e a distancia

de 24 passos. Foi um combate serio, no qual os contendores, diz a acta do duello, se mantiveram no campo com coragem e dignidade. Santa Anna ficou levemente ferido antes de ter atirado, e os padri-nhos deram o combate por acabado.

XIV.

O Centro Promotor dos interesses das classes laboriosas está ha muitos annos sob a direcção e presidencia de Sampaio, e esta associação começada em casa do nosso litterato, poeta, e incansavel professor A. F. de Castilho, de cuja fecunda cabeça e patriotico coração tantas ideas e intentos uteis tem brotado, não teve ainda de arreponder-se da invariavel confiança com que honra o seu presidente.

A organização de cada classe, a fundação de monte-pios, a criação de escolas, a publicação de jornaes especiaes, as leituras instructivas, feitas nas salas do

Centro por mancebos de grande valia, a convivencia mais frequente, e os bons habitos contrahidos no emprego util das horas em que se não trabalha, deram aos operarios força, auxilio e conforto, instrucção, gosto de a aperfeiçoar, noções aproveitaveis para o exercicio das suas profissões, compostura, e moralidade.

Estas qualidades foram reconhecidas oficialmente pelo governo quando, no anno 1855, mandou escolher no Centro Promotor alguns operarios para virem estudar na Exposição Universal de Paris os progressos da industria, e no meu entender a boa organização e a direcção conveniente desta sociedade é um dos maiores serviços que Sampaio tem prestado á nação portugueza, não só pelos beneficios que directamente dahi provieram, como pelo exemplo dado a todo o reino.

Sampaio é ainda hoje um homem do povo com todos os costumes singelos da sua classe. Não adula os operarios, nem lhes inspira más paixões, antes os aconselha e exhorta com amigavel e franca

severidade, mais de pae que de chefe, e procura dirigir-lhes a actividade para o bem commum da classe, da associação e da patria.

Na hora triste da enfermidade e da falta de trabalho, nos desastres inseparaveis das profissões laboriosas, o operario sabe que Sampaio o não abandona, e conta efficaçmente com a sua sollicitude. Se os soccorros ordinarios não bastarem, a mão de Sampaio, contendo já o pouco de que elle póde dispôr, colherá dos seus amigos com que supprir aquella falta. Por isso os operarios o respeitam e amam tanto quanto delle sam queridos e estimados.

O que teria sido esta associação nas mãos de um homem que, ancioso de se fazer valer, a sacrificasse aos calculos ambiciosos da sua elevação pessoal? Um elemento terrivel de desordem, de desgraça e de desmoralização, em lugar de uma instituição honesta e util, como soube constituil-a o juizo pratico e o bom coração de Sampaio.

Ainda não vae longe a epoca em que Lisboa, cruelmente atribulada pela febre amarella, se viu quasi abandonada a si propria, e apenas soccorrida por uma pequena cohorte de homens corajosos e christãos, a cuja frente o senhor D. Pedro V soube achar o logar de honra, que não agradava então a todos. Sampaio foi desses poucos; e innumeraveis foram os serviços que prestou nesses transes de publica desventura.

Nas eleições que se seguiram, Lisboa, pela primeira vez depois de 1851, deixou de nomeal-o seu representante, e foi necessario que a velha Goa estendesse o seu braço descarnado para lhe abrir as portas do parlamento! Dizem que os reis esquecem depressa os serviços que lhes fazem; mas o povo tambem tem suas horas em que é rei, e mau rei ás vezes.

XV.

Os escritos de Sampaio sam correctos

sem affectação, e ricos do sabor classico dos seus primeiros estudos; concisos sem aridez, e de uma clareza admiravel. O seu estilo natural e simples faz com que o povo o entenda e aprecie. Na polemica é terrivel, e possui no mais alto grau o segredo de desvairar, aturdir, embulhar, ferir e prostrar por terra os seus adversarios. Não se defende mal, porem é muito mais vigoroso na aggressão, apesar que nelle a bondade de coração e os affectos suaves sam mais fortes do que a influencia do temperamento sanguineo.

Accusam-o de ser cruel no ataque. Eu bem sei que na batalha de Fontenoy o exercito francez convidou por cortezia os inglezes a atirarem primeiro, porem em Portugal a imprensa nunca adoptou o exemplo dos companheiros do marechal de Saxe. Sampaio é um escritor vehemente e energico, de paixões vivas, mas nobres, e de lingoagem franca e severa, mas nunca o vi faltar; a certas attenções, que nem todos os seus col-

legas guardam escrupulosamente. A clareza de rasão, a solidez do raciocínio, a vivacidade dos sentimentos, a força das convicções, a placidez do espirito, a facilidade de trabalho, o conhecimento reflectido dos negocios e dos homens, e uma sensibilidade que nas circumstancias grandiosas o eleva ás regiões superiores da eloquencia, teem dado a Sampaio o primeiro logar na imprensa portugueza.

Uma virtude tem elle, e infelizmente rara entre os homens de letras. A gloria dos outros não o offusca; a inveja, que faz do official do teu officio o teu maior inimigo, segundo diz o proverbio, não se encontra em Sampaio. O talento que começa a manifestar-se, póde contar com o seu auxilio sem condições.

A *Revolução de Setembro* publicou uma vez um longo artigo em favor de um homem poderoso; o artigo agradou muito, e esse personagem encontrando Sampaio abraçou-o com a maior effusão de reconhecimento, dizendo-lhe :

« Nunca devi tamanho favor a nenhum
« homem! »

« O artigo não é meu, » respondeu
Sampaio, « o autor é fulano, que mora
« em tal rua e tal numero. »

E essa elevada cathegoria social foi
dali abraçar o seu defensor, que não con-
hecia, agradecer-lhe a defeza, e admirar
com elle a desinteressada lizura de Sam-
paio. Eu fui testemunha deste facto.

Na camara os seus discursos sam cla-
ros, precisos, simples e logicos. Não tem
grande facilidade, e começa com timidez;
mas como está muito senhor do assumpto,
chega a fallar sem difficuldade, e é um
adversario vigoroso. No livro dos orado-
res portuguezes não estará em primeiro
logar, porem nas discussões os seus con-
tendores não podem, ainda que queiram,
collocal-o no ultimo.

Foi sempre liberal, e liberal é ainda
hoje. Nunca se pôde convencer, por me
servir das expressões de E. de Girar-
din, de que os governos, os partidos, as
dynastias, os ministerios, os amigos ou

os inimigos pessoas valessem mais do que a liberdade; e por isso se collocou sempre do lado della sem considerar se o maior numero ou o mais poderoso estava do outro.

Nas suas relações individuaes é muito dedicado, leal, verdadeiro, e escrupulosamente justo. Nas affeições domesticas foi sempre exemplar. Nesta hora, curvado sobre o tumulo de duas meninas que adoptára por filhas, chora elle com tristes lagrimas a morte prematura desses anjos, que eram o encanto da sua vida agitada e laboriosa.

XVI

O estudantinho de S. Bartholomeu do Mar tem hoje 53 annos, passados com honra a pugnar pela liberdade e pelo progresso da terra portugueza. A sua vida desinteressada e modesta póde servir de exemplo ao povo, cujo homem é, e cujos interesses defende.

Que o imitem aquelles, que encetarem a mesma carreira, na qual a primeira recompensa nas épocas de reconstrucção social é o triumpho da verdade e da justiça, e a honra de ter contribuido para elle. Nem esperem outra. Duzentos e setenta e sete annos tem decorrido desde que Luiz de Camões fez imprimir os seguintes versos :

O favor com que mais se accende o engenho
Não o dá a patria, não; que anda mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza.

E tão verdadeiros sam hoje como quando Antonio Gonçalves os estampou pela primeira vez em Lisboa em 1572.

O barão da Ribeira de Sabroza disse no parlamento, em 10 de fevereiro de 1840 o seguinte : *Sampaio era um dos empregados mais intelligentes, mais honrados e mais zelosos, que o governo tinha ao seu serviço, e um dos homens mais leaes á rainha e á constituição entre os*

muitos que eu tenho conhecido na nação portugueza (1).

Estas palavras, confirmadas pela opinião de outras pessoas não menos dignas, e corroboradas por 19 annos de procedimento conforme com ellas, contem o resumo da vida politica de Sampaio. Aqui as quiz pois registrar como conclusão de tudo quanto acabo de referir.

Amigos ou inimigos desse homem, seus correligionarios ou seus adversarios politicos, honremos as virtudes que dam credito e gloria á nossa patria, e mesmo combatendo as doutrinas de Sampaio, tributemos ao seu desinteresse e á sua constancia o louvor que lhes é devido, em vez de estarmos sempre a dizer mal uns dos outros, com o que os estrangeiros acabarão por acreditar que Portugal é um covil de tratantes, e os portuguezes o povo mais perverso da terra.

Muitos cavalleiros portuguezes tomaram a insignia da cruzada moderna em

(1) Diario de Governo de 15 de fevereiro de 1840.

favor da civilisação, porem na longa viagem para a Terra Santa da liberdade e do progresso, nem todos tiveram o animo necessario para affrontar tantos perigos e trabalhos até chegar á Palestina.

Uns adoeceram de um titulo, ou de uma commenda, e falleceram-lhes as forças para ir mais longe. Outros ganharam uma provincia, ou um reino, nas ferteis planicies do Orçamento, e tiveram de ficar a governal-os. Estes enganaram-se de baixel, tomaram o que ia conquistar o Velocino de oiro, e ainda hoje por lá andam. Aquelles encontraram na viagem a ilha de Monte-Christo com os seus immensos thesoiros, e estabeleceram-se nella.

A espada, o broquel, e o arnez, no qual brilhava a cruz azul e branca da nova cruzada, eram muito pesados. Tiveram que os abandonar. Outros vieram, que tomaram essas armas e batalharam com ellas. Pois bem. Não insultemos a fraqueza humana, mas corçemos de hera e

de loiros aquelles que não descreram da força da verdade e do direito, que por entre transes amargos e perigosos chegaram aos logares santos, que ajudaram a remil-os das mãos dos infieis, e que ainda hoje os guardam e defendem.

Aos que não julgarem na minha humilde pessoa bastante autoridade para dar este conselho, responderei com as palavras de um barbaro, cujo nome é célebre em todo o mundo (1) : *Sabei que o homem intelligente deve attender á palavra, e não á pessoa que a diz, e assim se ella é verdadeira, deve acolhela, seja homem grave, ou frivolo, o que a pronunciou. O oiro colhe-se na area, o narciso nasce de uma cebola, e a rosa resplandece entre os espinhos.*

Eu sei que algumas pessoas me levaram a mal que eu começasse as biographias, que estou publicando em francez, pela de Antonio Rodrigues Sampaio. A essas que só respeitam as virtudes doira-

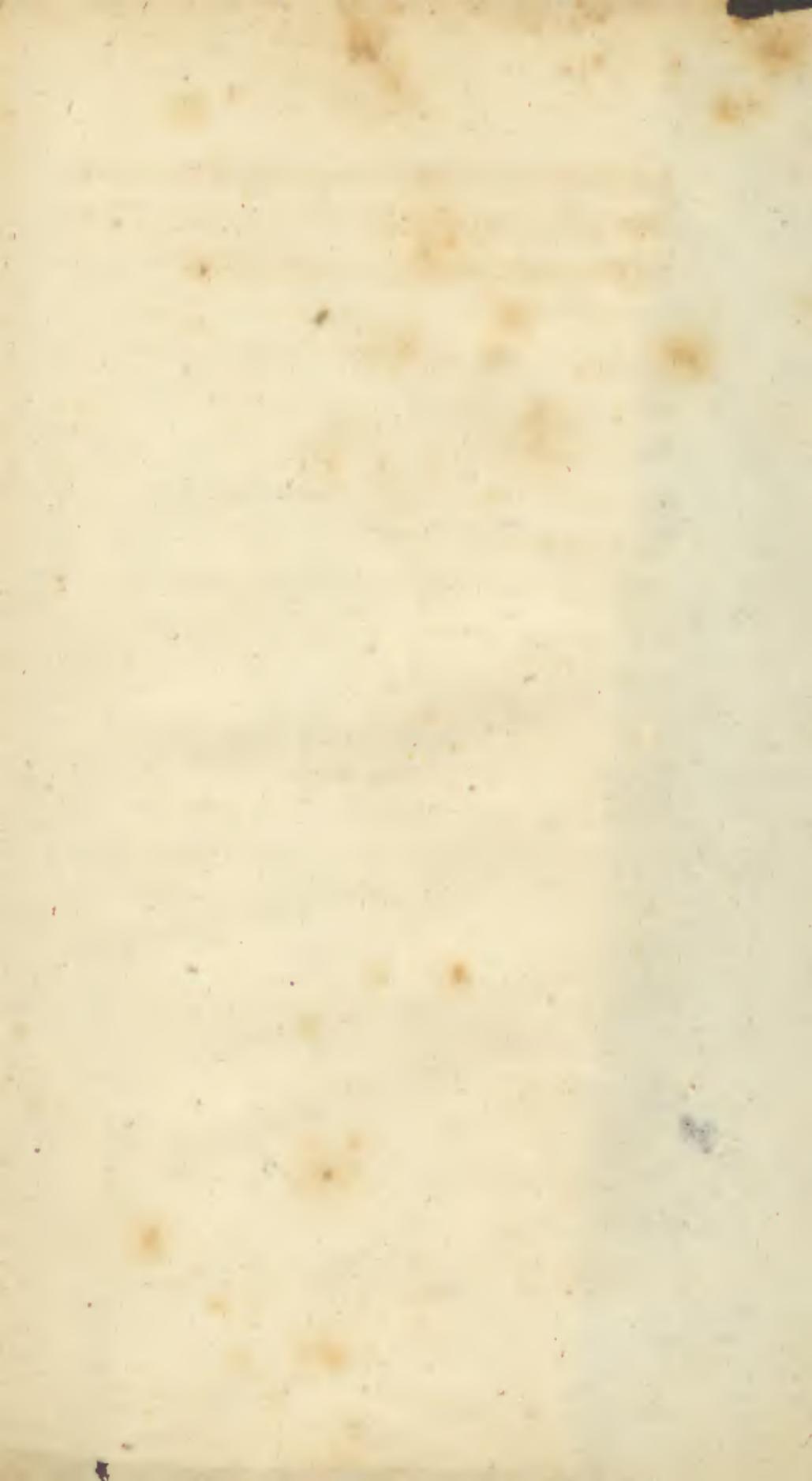
(1) Abd-el-Kader, *Rappel à l'intelligent, avis à l'indifférent*, trad. de Gustave Dugat.

das, que não apreciam vinte e cinco annos de trabalhos, e de pobreza honrada sem ambição deshonesta; que não agradecem as penas e os riscos de uma existencia nobremente consagrada ao triumpho de um principio, antes amarguram com calumnias e doestos a vida de quem envelheceu a ganhar-lhes a liberdade, só posso dizer que lamento o mau sestro de uns, a incorrigivel maldade de outros, e a mesquinha cegueira de todos.

Em duas palavras : se os factos, que acabo de narrar, sam verdadeiros, Sampayo é um dos homens mais dignos do respeito dos seus concidadãos. Se sam falsos, neguem-os; provem que menti, e apedrejem-me depois, por ter deitado peçonha na fonte publica da leitura popular, como dizia um nosso poeta a respeito dos que mentiam ao rei.

Quanto ao homem, cuja historia este livrinho contem, se lhe preferirem para consul o cavallo de Caligula, não se queixem, nem se admirem de receberem por dia uma boa duzia de coices,

em vez de serem prudentemente dirigidos pela varinha de marfim, que servia de insignia ao magistrado romano.



Em formato igual ao deste livrinho vam publicar-se outros contendo algumas biographias de pessoas notaveis, ja mortas ou ainda vivas, e diversos tratados acerca de coisas que ao povo convem saber. Aqui se indicam alguns :

Fundação da Monarquia Portuguesa.	Os Hohenzollern-Sigmaringen.
A Origem dos Portuguezes.	A Cidade do Porto.
Os Lavradores.	A Divida Publica.
O Gado.	A Instrução popular.
Os homens de Officio.	Do Officio de Rei.
A Religião.	Dos Reis pequenos.
O Mestre de Aviz.	Os Philippes de Castella.
Os Tributos.	Os Caminhos de ferro.
O ultimo Fidalgo de Provincia.	O Exercito.
A Mania de ir para o Brazil.	A Marinha.
As Ilhas da Madeira e dos Açores.	Os Duques de Bragança.
A Liberdade do Povo.	Os Empregados publicos.
As Pataratas.	O Marquez de Pombal.
A Saude do Povo.	A Universidade de Coimbra.
O Convento da Batalha.	Os Livreiros em Portugal.
Camões.	O Commercio e a Industria.
O Senhor D. Pedro.	As Commendas.

etc...

etc...

Cada livrinho custa 120 reis.



BMMB



34740014743

**O SAMPAIO DA REVOLUCAO DE
SETEMBRO**

F
Bibliot
Manuel